



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL

**EXPOSIÇÃO À MÍDIA E PERSONALIDADE: EFEITOS DISTAIS NO
CYBERBULLYING**

JOÃO PESSOA – PB

2022

LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL

**EXPOSIÇÃO À MÍDIA E PERSONALIDADE: EFEITOS DISTAIS NO
CYBERBULLYING**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para obtenção do grau de
mestre em psicologia social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo
Pimentel.

JOÃO PESSOA – PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L435e Leal, Ludwig Félix Machado.

Exposição à mídia e personalidade : efeitos distais
no cyberbullying / Ludwig Félix Machado Leal. - João
Pessoa, 2022.

116 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social. 2. Mídia antissocial. 3.
Cyberbullying. 4. Cyber agressão. I. Pimentel, Carlos
Eduardo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.6(043)

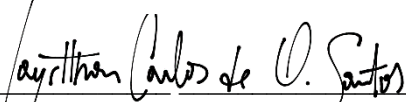


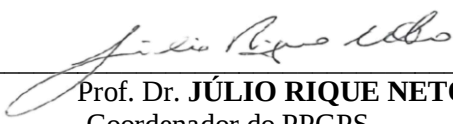
ATA DE DEFESA DE
DISSERTAÇÃO

Aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e vinte e dois, de modo remoto pelo Google Meet, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Dissertação do aluno **LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL** – mat. 20201013548 (orientando(a), UFPB, CPF: 701.658.104-75). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL** (UFPB, Orientador, CPF: 023.802.314-19), Prof.^(a) Dr.^(a) **CICERO ROBERTO PEREIRA** (UFPB, Membro Interno ao programa, CPF: 982.070.754-49) e Prof.^(a) Dr.^(a) **LAYRTTHON CARLOS DE OLIVEIRA SANTOS** (UNIFIP, Membro externo à instituição, CPF: 064.462.764-60). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: “EXPOSIÇÃO À MÍDIA E PERSONALIDADE: EFEITOS DE LONGO PRAZO NO CYBERBULLYING”. Passando então ao aludido tema, o aluno foi, em seguida, arguido pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de “**APROVADO**”, o qual foi proclamado pelo(a) presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Júlio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 31 de março de 2022.


Prof. Dr. **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**


Prof. Dr. **CICERO ROBERTO PEREIRA**


Prof. Dr. **LAYRTTHON CARLOS DE OLIVEIRA SANTOS**


Prof. Dr. **JÚLIO RIQUE NETO**
Coordenador do PPGPS

Para Mísia Moraes e Socorro, Roberto e Luísa Leal.

*“Qualquer coisa que encoraje o crescimento de laços emocionais tem que servir contra
as guerras.”*

Sigmund Freud

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais, Socorro e Roberto Leal, que dedicaram as vidas para me dar uma educação de qualidade, especialmente à minha mãe que me ensinou a ler e a ter gosto pela leitura, sempre foi a maior incentivadora dos meus estudos. Seus ensinamentos trouxeram virtudes para mim e os levarei para sempre. Hoje o primeiro mestre da família tem o privilégio de poder presentear os pais em vida com este trabalho. Dedico também à minha sobrinha, Luísa Leal, que acabou de nascer. Ela ainda nem sabe, mas seu nascimento trouxe uma alegria que se tornou força e me impulsionou adiante em muitos aspectos da vida.

A dedicação também vai para Mísia pela parceria e irmandade desde a graduação. Decidimos juntos fazer a seleção para o mestrado e sei que sem sua companhia não teria chegado até aqui. Para além da vida acadêmica é uma parceira de vida, de viagens, de momentos difíceis e divertidos, me dando um suporte afetivo que é essencial para uma vida de qualidade. Assim também posso falar de João Gabriel que participou de todos os momentos desta etapa me passando força com a companhia e empatia de sempre.

Um agradecimento especial é para os meus companheiros de pesquisa do Laboratório de Psicologia da Mídia - LPM, em especial ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel por ter acreditado no meu potencial, pelos ensinamentos científicos e éticos, pela paciência, acolhimento e por ter me ajudado a chegar até aqui com saúde mental, foi um verdadeiro facilitador desse processo de dissertação. Agradeço também a nossa querida Bella por todo o suporte, dicas e ensinamentos, espero poder fazer novas parcerias ao longo dessa vida acadêmica que está só começando. Agradeço também aos professores Layrtthon e Cícero por aceitarem me acompanhar na banca de qualificação

e defesa dessa dissertação, suas contribuições foram de extrema importância para este trabalho.

Agradeço a Thommas pelo apoio que foi de extrema importância para mim nesses tempos de pandemia, período difícil para muitas pessoas, mas tive o suporte necessário para continuar com os meus objetivos pessoais e profissionais.

Aos meus antigos amigos que sempre trouxeram cor para minha vida: Amaro, Bianca, Dhébora, Diego, Jobson, Luiza, Marcos, Sarah e Viviane. Aos novos amigos que o mestrado me deu: Daniel, Mayara e Taciana, adorei demais conhecer vocês nessa caminhada.

Aos meus parentes e familiares, especialmente às minhas avós, Maria Machado (*in memorian*) que partiu no meio do percurso do mestrado me deixando boas lembranças e ensinamentos e a Laudelina, Vovó Nina, que me dará o prazer de tê-la em minha comemoração dessa conquista. Às minhas tias e primos, especialmente à Sâmela Leal, minha alma gêmea, por tudo que não cabe aqui nesse texto, ela sabe.

Agradeço, por fim, também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível concluir meu mestrado.

Finalizo este trabalho e escrevo esses agradecimentos ao som da minha playlist favorita, com sentimento de celebração, na companhia da minha cachorrinha, Aurora. Meu desejo sustentou essa jornada que, apesar dos desafios, foi incrível. Levarei para sempre as memórias do mestrado, entre perdas e ganhos, mesmo na pandemia e no isolamento, eu posso dizer que valeu a pena.

EXPOSIÇÃO À MÍDIA E PERSONALIDADE: EFEITOS DISTAIS NO CYBERBULLYING

Resumo: O objetivo geral da presente dissertação é analisar a relação entre exposição à mídia (violenta e pró-social), personalidade e cyberbullying através do Modelo Geral da Agressão - GAM. Foram planejados quatro estudos, dos quais o primeiro se trata de uma revisão sistemática da literatura. No primeiro estudo foi encontrada uma correlação positiva entre exposição à mídia violenta e cyberbullying em todos os resultados da amostra. O segundo e o terceiro consistem em estudos psicométricos, sendo eles, respectivamente, análise fatorial exploratória (N = 263; M_{idade} = 29,1) e confirmatória (N = 266; M_{idade} = 30,2) da *Extended Version of the Content-Based Media Exposure Scale* (C-ME2). Por fim, o último possui um delineamento correlacional (N = 265; M_{idade} = 27,2) considerando as relações entre as variáveis já destacadas. Os estudos de validação demonstraram que escala apresentou um índice de consistência interna satisfatório para os dois fatores, estimando um modelo fatorial indicando adequação estrutural desse construto para amostras de pessoas brasileiras. Os resultados do último estudo demonstram que a exposição à conteúdo antissocial nas diversas plataformas de mídia está correlacionada positivamente com a cyber agressão e com a cyber vitimização, sendo a exposição à mídia antissocial também um mediador entre as duas demais variáveis. Além disso, um modelo de mediação foi testado indicando que a estabilidade emocional não impacta diretamente a cyber vitimização, isso acontece apenas quando se leva em consideração o cenário em que o indivíduo é um cyber agressor.

Palavras-chave: Agressão; Cyberbullying; Mídia Antissocial; Personalidade.

MEDIA EXPOSURE AND PERSONALITY: LONG-TERM EFFECTS ON CYBERBULLYING

Abstract

The general objective of this dissertation is to analyze the relationship between exposure to violent and prosocial media and personality with the cyberbullying through the General Model of Aggression - GAM. Four studies were planned, the first is a systematic review of the literature. In the first study, positive cyberbullying results were found in all sample examples. The second and third consist of psychometric studies, which are, respectively, exploratory (N = 263; M age = 29.1) and confirmatory (N = 266; M age = 30.2) of the Extended version of the content-based media exposure scale (C-ME2). Finally, the last one has a correlational design (N = 265; M age = 27.2) considering the relationships between the variables already highlighted. Validation studies showed that the scale presented a satisfactory internal consistency index for both factors, estimating a factor model indicating structural adequacy of this construct for samples of Brazilian people. The results of the last study demonstrate that exposure to antisocial content on different media platforms is positively correlated with cyber aggression and cyber victimization, being the antisocial media exposure a significant mediator of this relationship. In addition, a mediation model was tested indicating that emotional stability does not directly impact cyber victimization, it only happens when considering the scenario in which the individual is a cyber aggressor.

Keywords: Aggression; Cyberbullying; Antisocial Media; Personality.

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1. Referencial teórico	19
Psicologia e agressão	19
Modelo Geral da Agressão – GAM	22
Cyberbullying e GAM	27
Cyberbullying e exposição à mídia violenta	29
Cyberbullying e personalidade	31
Capítulo 2. Estudo 1: Exposição à mídia e cyberbullying: um estudo de revisão de literatura	32
Introdução	32
Método	34
Critérios de inclusão e exclusão	34
Bases de dados e estratégias de busca	34
Análise de dados	34
Resultados	36
Caracterização da amostra	36
Tipos de mídia abordadas e relação com o cyberbullyig	41
Variáveis associadas à relação entre exposição à mídia e cyberbullying	42
Nuvem de palavras e análise de similitude	42
Discussão	42
Capítulo 3. Estudo 2: Adaptação e análise fatorial exploratória da Escalade Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2)	48
Introdução	48
Método	50
Participantes	50
Instrumentos	50
Procedimentos	51

Processo de tradução e adaptação cultural	51
Análise de dados	52
Resultados	53
Estudo 3. Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Exposição à	58
Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2)	
 Método	 59
Participantes	59
Instrumentos	59
Procedimentos	59
Análise de dados	59
Resultados	60
Discussão	61
Capítulo 4. Estudo 4: As relações entre exposição à mídia,	64
personalidade e cyberbullying	
Método	65
Participantes	65
Instrumentos	65
Procedimentos	67
Análise de dados	67
Resultados	67
Análises descritivas, diferenças de gênero e comparação de médias	68
Relações entre as variáveis	71
Correlações de pearson	71
Testes de modelos de mediação	71
Discussão	75
Capítulo 5. Discussão geral da dissertação	80
Considerações finais	88
Referências	89
Anexos	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Visão geral do Modelo Geral da Agressão	24
Figura 2. Diagrama PRISMA	35
Figura 3. Modelo Estrutural da EMC2	60
Figura 4. Modelo de Mediação entre cyber agressão (CA), exposição à mídia antissocial (EM) e cyber vitimização (CV)	74
Figura 5. Modelo de mediação entre estabilidade emocional (EE), cyber agressão (CA)	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da amostra	36
Tabela 2. Variáveis associadas à relação entre exposição à mídia e cyberbullying	42
Tabela 3. Resultados da análise paralela	54
Tabela 4. Estrutura fatorial da EMC2	55
Tabela 5. Diferenças entre homens e mulheres para o EMC2	57
Tabela 6. Frequência e médias da EMC2	67
Tabela 7. Frequência e médias das Escalas Florence de cyber agressão e cyber vitimização	68
Tabela 8. Diferenças entre homens e mulheres para cyber agressão	70
Tabela 9. Relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying	71
Tabela 10. Relação entre exposição à mídia pró-social e cyberbullying	71
Tabela 11. Relação entre exposição à mídia, traços de personalidade e cyber agressão	72
Tabela 12. Relação entre cyberbullying e traços de personalidade	73

Introdução

A segunda década do século XXI foi marcada pelo aumento exponencial do acesso à Internet, assim como do uso de aparelhos eletrônicos, grande parte disso aconteceu em razão da pandemia do novo coronavírus que fez com que muitas pessoas se isolassem em casa e passassem a consumir mais conteúdos virtuais. Muitas modalidades de trabalho passaram a acontecer de maneira remota, a exemplo das profissões da área da educação, apresentações culturais, reuniões empresariais, entre outras. Com isso, o mundo virtual passou a ser um componente indispensável na vida de crianças, jovens e adultos (Terra, 2021).

Antes de 2020, ano que marca o início da pandemia, cerca de 84% a 92% dos jovens e adultos estavam online diariamente nos Estados Unidos (Lenhart, 2015; Perrin, 2015), já sendo possível disseminar ideias, se comunicar com mais rapidez, realizar compras e inúmeras outras atividades online por meio de seus computadores, tablets, telefones celulares e aparelhos de TV (Barlett, Gentile & Chew, 2016). Após o início da pandemia, com o isolamento social, tais atividades cresceram significativamente em todo o mundo e passaram a ocupar um papel central na vida de muitas famílias. Só no primeiro ano de pandemia o Brasil chegou à marca de 152 milhões de usuários de internet. Esse número corresponde a cerca de 81% de toda a população do país com mais de 10 anos de idade. O aumento foi de 12 pontos percentuais em relação ao ano de 2019 (Cetic.br, 2021).

A facilidade com que as informações são compartilhadas pode até ser benéfica para a ciência, educação, saúde, cultura, entre outros setores, no entanto uma das consequências negativas é que os indivíduos que desejam causar danos a outras pessoas podem fazer isso de forma online como, por exemplo, por meio do cyberbullying

(Barlett et al., 2019). O cyberbullying é um fenômeno de violência entre pares caracterizado pela repetição e relação desigual de poder e tem como objetivo causar danos como humilhação, calúnias, ameaças e chantagens por meio de dispositivos eletrônicos e pela internet (Tokunaga, 2010).

A prevalência do cyberbullying é um problema de saúde pública e está relacionada a prejuízos na saúde mental dos envolvidos que, comumente, possuem sintomas como estresse, ideação suicida, depressão, ansiedade, solidão, sintomas somáticos, problemas emocionais, abuso de álcool e outras drogas, redução de satisfação com a vida, da autoestima e de comportamentos pró-sociais (Cavalcanti et al., 2019; Olweus & Limber, 2018; Redmond et al., 2020).

Os problemas psicossociais associados ao cyberbullying ganharam uma visibilidade ainda maior na internet durante a pandemia. Em todo o mundo presenciou-se um desencadeamento de ódio e xenofobia na internet contra indivíduos de descendência do leste e sudeste asiático que foram tomados por cyber agressores como bode expiatório da pandemia (Alsawalqa, 2021). Muitos atos de cyber agressão foram legitimados, inclusive, por autoridades mundiais, por exemplo, o então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, usou a expressão “vírus chinês” mais de 20 vezes, entre 16 e 30 de março de 2020, ao se referir ao COVID-19. Da mesma forma, o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, se referiu ao COVID-19 como o “vírus de Wuhan”. A designação do COVID-19 como “vírus chinês” e “vírus de Wuhan” pode ter normalizado o discurso de ódio não apenas nos EUA, mas em todo o mundo (Viala-Gaudefroy & Lindaman, 2020).

Em 2018 o Brasil alcançou a marca de 2º lugar com mais casos de cyberbullying contra crianças e adolescentes no mundo de acordo com o Instituto de Pesquisa Ipsos (Terra, 2021). Durante a pandemia foi registrado um aumento de 85% de casos de

cyberbullying no Estado do Pará (G1, 2022). Casos como o de Lucas Santos, adolescente que se suicidou após ataques homofóbicos nas redes sociais, se tornaram conhecidos e aumentaram a preocupação do poder público em relação ao problema, motivando a criação de debates públicos (Governo do Ceará, 2022) e leis de combate ao cyberbullying (Assembleia Legislativa da Paraíba, 2021). Frente a esse cenário é relevante examinar as variáveis que estão associadas à perpetração de cyberbullying para que pais, pesquisadores, jovens, professores, administradores escolares e especialistas em intervenção possam ter uma lista exaustiva de fatores de risco (Barlett et al., 2019).

Entre as variáveis associadas ao cyberbullying destaca-se a exposição à mídia violenta/antissocial e a personalidade. Pesquisas internacionais apontam que a exposição à violência na mídia é um fator de risco para o comportamento de cyberbullying (Lam, Cheng & Liu, 2013; Den Hamer & Konijn, 2015; Fanti et al., 2012; Barlett et al., 2019). É possível encontrar também estudos correlacionais (Anderson et al., 2017), longitudinais (Huesmann et al., 2003), experimentais (Konijn et al., 2007) e metanálises (Anderson et al., 2010) relacionando positivamente a exposição à mídia violenta/antissocial com comportamentos agressivos online. Outras pesquisas indicam a importância de se investigar o papel da personalidade nos comportamentos de cyberbullying (Peluchette et al., 2015; Kokkinos & Antoniadou, 2019; Van Geel et al., 2017).

Com base no exposto, dada a complexidade do fenômeno, se faz necessária a realização de novos estudos para que se possa investigar como essas variáveis se relacionam em diferentes contextos e com amostras diversas. A presente pesquisa partiu das seguintes perguntas: 1- A exposição à mídia violenta/antissocial está relacionada a uma maior prevalência de comportamentos de cyberbullying? 2- A exposição à mídia

pró-social está relacionada a uma menor prevalência de comportamentos de cyberbullying? 3- Quais são os traços de personalidade que se relacionam de maneira significativa com o cyberbullying e com a exposição à mídia violenta e pró-social?

Para responder a tais perguntas a presente dissertação tem como objetivo geral compreender o cyberbullying através da exposição à mídia, violenta e pró-social, e do papel dos traços de personalidade. Desse modo, a exposição à mídia e personalidade são variáveis independentes e ambas ajudam a explicar o cyberbullying que é a variável situacional e dependente. Para abordar a problemática foram planejados quatro estudos, cada um com seus objetivos específicos, dos quais três deles foram empíricos e contaram com a participação de 794 pessoas no total.

Para embasar os estudos empíricos foi realizada inicialmente uma revisão da literatura. O trabalho teve como objetivo analisar a relação entre exposição aos diferentes tipos de mídia e o comportamento de cyberbullying à luz da literatura internacional. Para tanto, foram adotados os critérios PRISMA para revisões sistemáticas e meta-análise.

Para medir a exposição em diversas plataformas de mídia no contexto brasileiro foram planejados dois estudos que tiveram como objetivo, respectivamente, validar a medida e confirmar a estrutura de dois fatores proposta originalmente da *Extended Version of the Content-Based Media Exposure Scale - C-ME2* (Den Hamer, Konijn, & Bushman, 2017).

Por fim, o quarto e último estudo de delineamento correlacional teve como objetivo analisar as relações entre exposição à mídia, violenta e pró-social, e traços de personalidade com o cyberbullying. Com isso buscou-se investigar também quais são as variáveis que podem atuar como mediadoras dessa relação. Dessa forma, o estudo teve como base as seguintes hipóteses: H1- A maior exposição à mídia violenta estará

correlacionada positiva e significativamente com a perpetração de cyberbullying. H2-A maior exposição à mídia pró-social estará correlacionada negativa e significativamente com a perpetração de cyberbullying. H3- Alguns traços de personalidade como a extroversão (+), a conscienciosidade (-) e a amabilidade (-) estarão correlacionados ao cyberbullying; H4- A exposição à mídia violenta será um mediador significativo da relação entre cyber agressão e cyber vitimização.

Capítulo 1

Referencial teórico

Psicologia e agressão

A agressão é normalmente definida como qualquer comportamento com a intenção de prejudicar outra pessoa que não deseja ser prejudicada (Anderson & Bushman, 2002; Baron & Richardson, 1994). Não se deve confundir esse conceito com o de violência que é definida como qualquer comportamento com a intenção de causar danos físicos extremos a outra pessoa que não deseja ser prejudicada, como ferimentos ou morte (Bushman & Huesmann, 2010). Assim, todos os atos violentos são agressivos, mas apenas os atos destinados a causar danos físicos extremos são classificados como violentos.

Diferentes disciplinas abordam o fenômeno da agressão como a filosofia, sociologia, antropologia, biologia e psicologia, esta última tem uma grande importância no estudo dos comportamentos agressivos desde o seu surgimento. Com influência das outras disciplinas mencionadas, a psicologia formulou muitas teorias principalmente ao longo do século XX. O marco das duas grandes guerras mundiais levou muitos pesquisadores a se debruçarem sobre o tema em todo o mundo. Com isso, tanto as teorias psicobiológicas, como as psicossociais ganharam seu espaço na ciência através de estudos relevantes para compreender a agressão humana. Desde o seu início com os estudos de Wundt a psicologia abordou a agressividade como um dos seus temas principais. Ainda nesse primeiro momento Wundt adotava uma posição instintivista ao considerar a agressividade como um instinto estritamente ligado à nutrição e à sobrevivência (Morais, 1995; Dadoun, 1998).

Já no século XX encontra-se abordagens mais complexas sobre a agressão como

a de Freud, que apesar de partir de uma compreensão inatista voltou-se para os fenômenos sociais para poder discutir a agressividade em diferentes facetas. Freud (1900) iniciou seus estudos sobre agressão analisando conteúdos hostis e agressivos nos sonhos de seus pacientes, considerando tais fenômenos como realização de desejos reprimidos no Inconsciente. Na impossibilidade de agredir explicitamente os semelhantes, os seres humanos desenvolveram a capacidade de reprimir tais impulsos e os expressar em forma de sonhos.

Mas o que faz os humanos reprimirem sua hostilidade e agressão natural para com os semelhantes? Tal resposta foi construída ao longo da obra de Freud e discutida com mais profundidade nos trabalhos Totem e Tabu (1913), Além do Princípio do Prazer (1920) e Mal-estar na Civilização (1930). Com o avanço da teoria o autor discutiu como os humanos criam conflitos diversos por possuírem um impulso agressivo inato, um instinto de morte que não poderia ser eliminado pela realização de todos os desejos o qual ele chamou de Pulsão.

As teorias comportamentais também produziram conhecimento sobre a agressão. Skinner (1974) relaciona o comportamento agressivo com contingências de sobrevivência e reforço em função do ambiente. Para este autor a agressão é abordada amplamente: é discutida inicialmente a relação entre agressão e extinção operante e o papel do controle do comportamento agressivo e seu provável valor de sobrevivência (Skinner, 1953). A partir da década de 1960 houve um crescimento de experimentos com animais não-humanos nos quais a agressão, no behaviorismo, deixou de ser considerada apenas efeito colateral da extinção e passou a ocupar o lugar de variável dependente a ser investigada em condições controladas (Azrin, Hutchinson & Hake, 1966; Ulrich & Azrin, 1962).

A Teoria da Transferência da Excitação também embasou pesquisas sobre a

agressão, a mesma leva em consideração o fato de que a excitação fisiológica se dissipa lentamente (Anderson & Bushman, 2002). Desse modo, se duas situações geradores de excitação ocorrerem com um determinado período de tempo entre uma e outra, a sensação da primeira situação pode ser transferida para a segunda. Se o primeiro acontecimento produz raiva, a excitação prolongada do primeiro evento pode afetar a interpretação do segundo evento, assim essa raiva seria descontada posteriormente no evento seguinte (Zillmann, 2000). Por exemplo, uma pessoa recebe uma reclamação pela manhã no trabalho do seu chefe e sente muita raiva disso. Logo após, pela tarde, sai para almoçar em um restaurante e o seu pedido demora fazendo com que a pessoa seja mal-educada com o garçom. Entende-se com isso que a raiva sentida pelo chefe mais cedo foi transferida para a segunda situação mais tarde.

Com o avanço das pesquisas em psicologia, a relação entre o contexto social e ambiental nos comportamentos agressivos se tornou um dos pontos mais básicos para o estudo desses fenômenos. A aprendizagem por exposição a comportamentos agressivos se configura como uma base para as teorias apresentadas a seguir.

Bandura (1977) foi o autor de uma das principais teorias da psicologia social, a da aprendizagem social. De acordo com essa teoria a agressividade é um padrão de resposta que é aprendida através do reforço e de modelagem. Dessa forma, uma pessoa ao observar o comportamento agressivo de outra levará em consideração a recompensa ou punição recebida por tal comportamento. Na medida em que o ato agressivo é elogiado ou reforçado o observador estará mais propenso a aprendê-lo e a colocá-lo em prática em seu próprio contexto (Anderson & Bushman, 2002).

Para a teoria da dessensibilização a exposição contínua à violência na mídia está associada a perda da sensibilidade emocional em relação à violência. A banalização da violência pode provocar indiferença social e política (Wilson, 1999). O processo de

dessensibilização derivado da banalização da violência facilita a aceitação da agressão como resolução adequada de problemas. Portanto, a exposição contínua à mídia agressiva é associada ao aumento do comportamento agressivo, das cognições e afetos agressivos e da diminuição da empatia e comportamentos pró-sociais (Anderson et al., 2010).

A utilização de modelos de processamento de informação na explicação do comportamento agressivo tem como um dos principais autores o Huesmann (1986). Nessa perspectiva, crianças expostas a violência na mídia aprendem scripts mentais agressivos. Os scripts mentais influenciam situações e orientam comportamentos: o sujeito primeiro seleciona um script para representar a situação e então assume um papel nesse mesmo script. Uma vez aprendido o script, ele pode ser recuperado a qualquer momento e utilizado como preditor para o comportamento.

Os scripts se configuram como conjunto de determinados conceitos memorizados particularmente bem ensaiados e altamente associados a situações, com frequência abrange ligações causais, objetivos e planos de ação (Schank & Abelson, 1977). Além disso, mesmo poucos ensaios do script podem mudar as expectativas e intenções de uma pessoa no que diz respeito a comportamentos sociais importantes que se desenvolvem na infância e quando cristalizada podem se torna resistentes à mudança (Anderson & Godfrey, 1987).

Partindo das contribuições de diversas abordagens sobre a agressão, Anderson e Bushaman (2002) criaram o Modelo Geral da Agressão – GAM. Esse modelo integra especialmente as teorias do script, da dessensibilização, da aprendizagem social e da transferência da excitação já mencionadas, entre outras e será apresentado a seguir.

Modelo Geral da Agressão (GAM)

O Modelo Geral da Agressão - GAM - trata sobre as maneiras como vários processos complexos se combinam para influenciar a probabilidade de que o comportamento agressivo seja executado (Allen, Anderson & Bushman, 2010). É um modelo teórico integrativo, dinâmico e biossociocognitivo que se preocupa em discutir como as experiências de vida e as diferenças biológicas e individuais se relacionam no desenvolvimento de estruturas de conhecimento, que são a base da personalidade, e como essas estruturas influenciam o afeto, a cognição e a excitação em situações sociais específicas para influenciar o comportamento agressivo ou não agressivo (Anderson & Bushman, 2018).

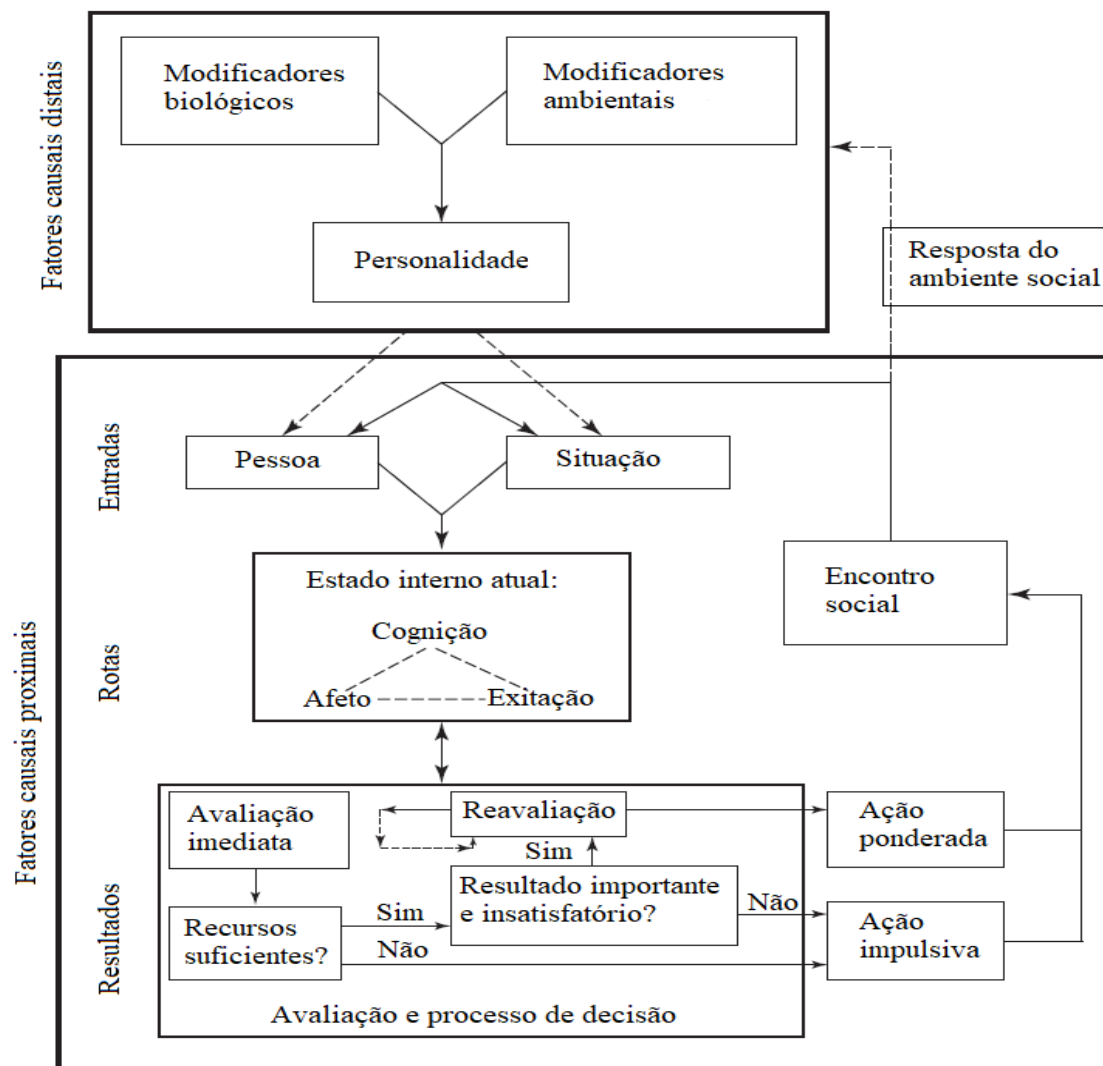
Quando se fala em estruturas cognitivas deve-se compreender que estas se constituem como padrões cognitivos aprendidos no ambiente e com a interação social e que influenciam na percepção da pessoa em relação ao seu ambiente e no comportamento (Anderson & Bushman, 2018). As estruturas cognitivas podem ser classificadas em três formas de conhecimento: 1) esquemas perceptivos que abarcam de fenômenos mais simples aos mais complexos; 2) esquemas pessoais que têm como base as crenças à pessoa ou um grupo; e 3) os scripts comportamentais que são os comportamentos mais adequados para cada momento. Na memória, os scripts ajudam a definir situações e orientar o comportamento (Anderson & Bushman, 2002).

O GAM descreve e prevê a probabilidade de um comportamento agressivo acontecer, tanto a curto quanto a longo prazo. A Figura 1 mostra uma visão geral do GAM e apresenta os dois principais componentes do modelo, elucidando as diferenças entre fatores causais distais de longo prazo, que são mais estáveis, e os fatores causais proximais de curto prazo, relativamente mais temporários. Além disso, demonstra também como esses dois componentes principais se influenciam reciprocamente, em um

ciclo, que acontece por meio de uma ligação chamada “resposta do ambiente social” (Mariano, 2020).

Cada um desses processos será detalhadamente explicado a seguir, no entanto, para efeitos da presente dissertação, os estudos correlacionais terão como base apenas os fatores causais distais, visto que são mais adequados para embasar as discussões a respeito dos comportamentos agressivos a longo prazo. Para tanto, será considerada a relação do comportamento agressivo (cyberbullying) com os modificadores ambientais (exposição à mídia violenta e personalidade - Big Five).

Figura 1. Visão geral do Modelo Geral da Agressão (adaptado de Allen & Anderson, 2017).



Os fatores distais são compostos pelas variáveis pessoais que são as características de personalidade de uma pessoa: atitudes, crenças, scripts mentais, predisposições biológicas, entre outras. Em geral são mais estáveis e muito importantes na compreensão do desenvolvimento da personalidade de uma pessoa. Nesse componente encontram-se dois modificadores que embasam e influenciam a sua estrutura como um todo, e influenciam também futuras características pessoais, que já fazem parte do componente proximal. Esses fatores podem ser categorizados em aspectos do ambiente ou aspectos biológicos.

Os modificadores ambientais se constituem em fatores causais como: convivência com pessoas agressivas, normas culturais, condições de vida difíceis, vitimização, conflito grupal, exposição à mídia violenta, vizinhança violenta, entre outros. Já com relação aos modificadores biológicos estão contidos fatores como:

transtornos neuropsicológicos, a exemplo do TDAH e Borderline, déficits no controle de impulsividade, baixa serotonina, funções executivas mal desenvolvidas, níveis hormonais e outros fatores genéticos de risco (Anderson & Bushman, 2018).

Para ambos os tipos de fatores causais distais, as mudanças na personalidade (e.g., desenvolver uma personalidade hostil) podem influenciar a mudanças estáveis na disposição a agir agressivamente (Mariano, 2020). Considerar os aspectos distais é o primeiro passo no entendimento de uma resposta comportamental e muito relevante para estudos correlacionais.

Com relação às variáveis situacionais encontram-se as características proximais específicas da situação atual como: se o indivíduo foi insultado, se há espectadores, se o indivíduo acabou de assistir uma série violenta na TV (Mariano, 2020). As variáveis pessoais e situacionais se combinam para afetar o estado interno atual do indivíduo (as rotas dos fatores causais proximais). Qualquer interação social (e.g., discutir com uma pessoa) ou individual (e.g., assistir a uma série violenta na TV) pode ser considerada um episódio (Mariano, 2020). Os processos imediatos explicam episódios individuais de agressão usando três estágios: entradas, rotas e resultados.

As entradas influenciam o presente estado interno de uma pessoa e afetam os processos de avaliação e decisão que influenciam os comportamentos agressivos ou não agressivos. O primeiro estágio dos processos imediatos descreve como os fatores pessoais e situacionais aumentam ou diminuem a probabilidade de agressão por meio de sua influência nas variáveis de estado interno presentes (isto é, cognição, afeto e excitação) no estágio dois.

Dentre os fatores situacionais que aumentam a probabilidade de agressão encontram-se: estresse social, rejeição social, provocação, frustração, mau humor,

exercícios, intoxicação por álcool, exposição à mídia violenta, dor ou desconforto, esgotamento do ego, anonimato, temperaturas altas, ruído, a presença de armas, e estímulos ameaçadores ou indutores de medo (Allen, Anderson & Bushman, 2010).

O estágio dois concentra-se nas rotas pelas quais os fatores pessoais e situacionais exercem sua influência nos processos de avaliação e decisão. Fatores pessoais e situacionais podem mudar o afeto, a cognição e a excitação de uma pessoa. Esses três tipos de variáveis constituem o estado interno atual de uma pessoa. Mudanças nessas variáveis alteram a probabilidade de agressão (Allen et al., 2010).

O terceiro estágio dos processos imediatos concentra-se nos processos de avaliação e decisão e em resultados agressivos ou não agressivos. No estágio três, a pessoa avalia a situação e decide como responder. Primeiramente, uma avaliação imediata da situação ocorre automaticamente e é influenciada pelo presente estado interno da pessoa. Após avaliação imediata, a pessoa decide como responder ao evento. Este processo depende dos recursos disponíveis e do próprio evento (Allen et al., 2010).

É possível observar que o GAM pode ser usado para entender como diferentes variáveis impactam a ocorrência de agressão, incluindo o cyberbullying. No entanto, como aponta Barlett (2019), embora esse modelo teórico possa ser importante para entender o cyberbullying, encaixando-o dentro de um entendimento de agressão maior, poucos estudos utilizam o GAM para investigar o impacto de fatores distais sobre cyberbullying. A seguir será apresentado um pouco mais sobre a abordagem do GAM com relação ao cyberbullying.

Cyberbullying e GAM

Como já foi definido, cyberbullying é um fenômeno compreendido como uma repetição de atos agressivos intencionais e caracterizados pelo desequilíbrio de poder

entre agressor e vítima, tal como se compreende o bullying tradicional (Gondim & Ribeiro, 2019). Apesar disso, diante do surgimento de novas redes sociais e da ampliação do acesso a dispositivos eletrônicos o cyberbullying já se constitui como um fenômeno diferente do bullying, principalmente em razão de dois fatores: o anonimato e a audiência (Barlett & Gentile, 2019). Dessa forma, o acesso ilimitado a uma série de ferramentas online, que podem ser usadas discretamente, e o rápido compartilhamento de conteúdo agressivo dificulta a supervisão e fiscalização, favorecendo ao agressor o anonimato, a grande repercussão da agressão e, em muitos casos, impunidade (Kwan et al., 2020).

O cyberbullying é um fenômeno multidimensional e de acordo com Cavalvanti et al. (2019) pode ser classificado de acordo com o tipo da agressão, sendo quatro as principais: escrita verbal (enviar mensagens de texto e comentários em publicações), comportamentos visuais (compartilhar de fotos e vídeos que afetam negativamente a imagem da vítima), falsificação (compartilhar conteúdos através de perfis fakes ou fazer uso de informações de outras pessoas sem consentimento) e exclusão (excluir intencionalmente a vítima de algum grupo causando mal-estar na mesma).

Dentre os comportamentos de risco associados ao cyberbullying destacam-se: interação com estranhos, acesso a fotos ou vídeos de conteúdo sexual, visualização de fotos/vídeos violentos ou racistas, postar fotos ou vídeos na internet em posições sexualizadas, provocativas ou inapropriada pra menores de idade, entre outros (Ferreira et al., 2020; González et al., 2015).

Esse tipo de agressão envolve um indivíduo que ocupa o lugar de agressor (cyber agressão) quando este comete a violência ou estimula agressões a outras pessoas por meio de ações negativas, uma vítima (cyber vitimização) quando esta sofre a violência, ou, ainda, uma vítima-agressora quando um mesmo indivíduo exerce ambos

os papéis perpetuando o cyberbullying. Tem-se investigado, também, o papel dos expectadores como parte importante no aumento da audiência a esses comportamentos online (Gondim & Ribeiro, 2019; Kwan et al., 2020).

Embora de fato escassos, alguns estudos já aplicaram o GAM para entender o cyberbullying. Kokkinos e Antoniadou (2019) observaram que 31% da variância sobre o cyberbullying foi explicada pela baixa amabilidade (traço de personalidade), maior uso semanal da internet (modificador ambiental) e resultados mais negativos do uso da internet. Savage e Tokunaga (2017) destacam o papel da agressão verbal no aumento da perpetração do cyberbullying.

O GAM destaca o papel do reforço comportamental no aumento da perpetração do cyberbullying. Dessa forma, jovens que cometem atos agressivos e são positivamente reforçados por seus colegas e familiares são mais propensos a intimidar outras pessoas, desenvolvendo atitudes positivas em relação ao cyberbullying (Barlett et al., 2020). Sendo assim, observadores expostos a tais atos de reforço positivo aos comportamentos agressivos podem internalizá-los e perpetuá-los por meio da aprendizagem observacional (Anderson & Bushman, 2002).

Para tratar de aspectos mais específicos do cyberbullying Barlett e Gentile (2012) criaram o Modelo de Cyberbullying de Barlett e Gentile – MCBG. Este modelo foi inspirado no GAM (Anderson & Bushman, 2002). De maneira geral o MCBG compreende que os indivíduos são ou não reforçados positivamente por se envolverem em ações de cyberbullying (Barlett et al., 2018). O modelo indica que atitudes pró-cyberbullying são preditoras imediatas do comportamento de cyberbullying e as percepções de anonimato e irrelevância da força física são correlacionadas positivamente e causadoras de mudanças nas atitudes de cyberbullying (Barlett, 2017).

A perpetração do cyberbullying envolve, portanto, a avaliação positiva de que a

prática de cyberbullying é aceitável, isso faz com que as atitudes pró-cyberbullying sejam o único preditor direto e principal mediador entre estruturas de conhecimento aprendidas e a perpetração de cyberbullying (Barlett et al., 2018).

Cyberbullying e exposição à mídia violenta

Anderson e Bushman (2018) consideram que após a exposição à mídia violenta existe um aumento de curto prazo no comportamento agressivo. Essa associação é influenciada por três processos psicológicos: (1) o estímulo ou ativação de estruturas de conhecimento agressivas já existentes (incluindo scripts), (2) a simples imitação de comportamento agressivo e (3) mudanças na excitação fisiológica estimulada pela violência na mídia.

Pesquisas experimentais mostraram que a vitimização por pares aumenta a atração por mídia violenta em crianças e adolescentes. Além disso, jogar brevemente um videogame violento aumenta as inclinações agressivas em crianças em idade escolar (Anderson & Bushman, 2018; Plaisier & Konjin, 2013). Frissen (2020) argumenta que, apesar da literatura abordar constantemente o tema do conteúdo violento online, o impacto desse conteúdo sobre aqueles que estão expostos a ele ainda não é suficientemente investigado. Esta investigação também é relevante considerando que pesquisas em outros formatos de mídia apontam para o impacto da exposição violenta da mídia sobre comportamentos da mesma natureza (Fischer & Greitemeyer, 2006; Gentile et al., 2004).

Não se pode deixar de discutir que as evidências correlacionais encontradas na literatura não comprovam uma relação causal entre exposição à mídia violenta e cyberbullying (Santos et al., 2020). O que se pode dizer dessa relação, segundo o GAM, é que a exposição mídia violenta é um fator de risco causal para o aumento do comportamento agressivo, das cognições e afetos agressivos e da diminuição da empatia

e comportamentos pró-sociais (Anderson, 2010). Isso pode refletir no aumento dos comportamentos de cyberbullying, já que a exposição aos conteúdos agressivos na mídia está associada com a dessensibilização e redução considerável das reações adequadas a esse tipo de estímulo (Bae, 2021).

Como já descrito, as duas faces mais importantes do cyberbullying, cyber agressão e cyber vitimização, estão correlacionadas (Barlett, 2017; Barlett et al., 2018). O ciclo se repete quando vítimas de cyberbullying buscam, na maioria das vezes, se vingar dos seus agressores retribuindo a violência recebida e retroalimentando a violência cíclica (Skinner & Saxton, 2019; Gruhn & Compas, 2020).

Ling, et al. (2017) apontou a que a relação entre o cyberbullying e outros fatores de risco como agressão reativa foi mediada pela exposição à mídia violenta. Considerando as consequências disposicionais nocivas que podem surgir da relação entre o cyberbullying e exposição a mídia violenta, questiona-se se esta última variável pode se constituir como um mediador significativo da relação entre cyber agressão e cyber vitimização. Tal pergunta será respondida e discutida no capítulo 4.

Cyberbullying e personalidade

Além da exposição à mídia violenta, outra variável que tem sido amplamente associada aos comportamentos agressivos online é a personalidade (Peluchette et al., 2015). A exposição repetida à violência na mídia pode levar a uma personalidade agressiva (Anderson & Bushman, 2002). Nesta perspectiva, pesquisadores sugerem que os traços de personalidade, como os cinco grandes fatores – big five (abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, agradabilidade e neuroticismo), devem ser estudados (Anderson et al., 2004). Estudos prévios têm demonstrado que, embora a extroversão (+), a conscienciosidade (-) e a agradabilidade (-) estejam relacionadas a perpetração de cyberbullying, apenas o último traço é um preditor significativo

(Kokkinos & Antoniadou, 2019; Van Geel et al., 2017).

Mariano (2020) supõe que a exposição prolongada a jogos violentos esteja relacionada ao aumento dos traços de hostilidade na personalidade dos jogadores e, dessa forma, estes apresentam atitudes favoráveis e intenção de possuir armas de fogo. Não se espera, entretanto, que um único episódio de exposição a um jogo violento, por exemplo, mude ou propicie traços de hostilidade na personalidade dos jogadores, pois estes processos distais são estáveis a longo prazo. Apesar disso, é possível que o ato de jogar um videogame violento leve a um aumento da excitação, afeto agressivo ou cognições agressivas a curto prazo influenciando, assim, a probabilidade de comportamentos agressivos ocorrerem imediatamente após a sessão de jogo. O mesmo processo pode ser aplicado a outras plataformas de mídia.

Considerando este panorama teórico, a presente dissertação avança ao demonstrar que a prevalência de cyberbullying possivelmente está associada positivamente com a exposição a mídia violenta e traços de personalidade, sendo a exposição à mídia violenta uma mediadora quando se considera os comportamentos de cyber agressão e cyber vitimização. Esse modelo ainda não foi testado ou comprovado em estudos anteriores, estabelecendo inovação e avanço teórico para esse campo de estudo.

Capítulo 2

Estudo 1: Exposição à mídia e cyberbullying: um estudo de revisão de literatura

Introdução

A preocupação da sociedade ocidental sobre os efeitos da exposição à mídia violenta sobre os comportamentos sociais se iniciou no século XIX com as primeiras críticas aos romances vitorianos, estes já descreviam cenas de violência consideradas impróprias para época por muitas pessoas (Gunter, 2016). Com o passar das décadas, ao longo do século XX, na medida em que a tecnologia, a propaganda e as várias formas de entretenimento se desenvolviam cada vez mais rápido, foi crescendo também a preocupação da ciência e da sociedade em geral sobre os efeitos colaterais e socialmente indesejáveis do consumo da violência nas novas mídias de massa (Gunter, 2016; Rutledge, 2010; Santos et al., 2020).

O início dos debates sobre a violência na mídia se intensificou, principalmente, em torno dos meios eletrônicos de massa mais populares, como o cinema e a televisão, tendo uma grande explosão de estudos científicos nas décadas de 1960 e 1970, quando se assumiu, por meio de evidências científicas, que as representações violentas mostradas nessas mídias poderiam fazer com que as pessoas se tornassem mais agressivas como indivíduos. Isso abriu a possibilidade de que a violência na mídia pudesse contribuir significativamente para os níveis de violência na sociedade em geral (Bandura, Ross & Ross 1963; Gunter, 2016).

Os estudos realizados nessas décadas concluíram que entre os principais efeitos da exposição de indivíduos à mídia violenta incluía uma perda de empatia pelas vítimas de violência, maior aceitação da violência como um mecanismo apropriado de resolução de problemas, uma vez que as reações emocionais iniciais a ela diminuíram por meio de

um processo denominado dessensibilização (Cline et al., 1973; Drabman & Thomas, 1975, Gunter, 2016).

Com a chegada do século XXI presenciamos o surgimento de novas plataformas de mídia e redes sociais, acompanhamos também a rápida evolução de aparelhos eletrônicos. Com isso foi observado o surgimento e crescimento do fenômeno do cyberbullying, conforme já foi exposto. Diante disso há uma relevância social em se realizar estudos que possam verificar na literatura internacional mais recente como a relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying se produz, dada a constante e rápida mudança no mundo eletrônico e virtual.

Nessa perspectiva, para embasar os estudos empíricos da presente dissertação, foi realizada primeiramente a presente revisão sistemática da literatura partindo das seguintes perguntas de pesquisa: 1- a exposição aos diferentes tipos de mídia violenta (e.g., eletrônicas, virtuais e impressas) se relaciona de maneira positiva e significativa com o comportamento de cyberbullying? 2- A exposição à mídia pró-social está relacionada a menor prevalência de comportamentos de cyberbullying?

O objetivo geral do presente estudo se constitui em analisar a relação entre exposição aos diferentes tipos de mídia e o comportamento de cyberbullying à luz da literatura internacional. Para isso foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1- fazer um levantamento na literatura das variáveis que mais impactam a relação entre exposição à mídia e cyberbullying; 2- investigar o papel da personalidade no cyberbullying. Essa revisão seguiu os critérios PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff & Altman, 2009) para revisões sistemáticas e meta-análise.

Método

Critérios de inclusão e exclusão

Os estudos incluídos atenderam aos seguintes critérios: ter sido publicado no intervalo entre 2017-2021; estar escrito em português ou inglês; se configurar como um estudo empírico; e trazer não apenas dados descritivos sobre o comportamento de cyberbullying (e.g. prevalência), mas sua relação com a exposição à mídia violenta.

Já os critérios de exclusão foram os seguintes: artigos de revisão sistemática, dissertações e teses foram excluídos. Foram excluídos também artigos em idiomas diferente do inglês e português, bem como artigos que não abordam o cyberbullying como temática central e/ou que não possuam nenhuma mensuração de cyberbullying e que tenham sido publicados antes de 2017.

Bases de dados e estratégias de busca

As bases de dados utilizadas foram: Scopus, PsycInfo e Scielo. A estratégia de busca aplicada nessas plataformas foi baseada nos dois temas principais do estudo, exposição à mídia violenta e cyberbullying. A partir disso, foi desenvolvida a seguinte lista de termos que descrevem esses temas de acordo com uma pesquisa na literatura, sendo usadas combinações desses termos nas bases de dados, a saber: Cyberbullying and videogame or social media or television or movies or music or smartphones or Media Violence Exposure. Nos mecanismos de busca, foi especificado que esses termos deveriam estar no título, resumo ou palavras-chave do estudo.

Análise de dados

Os artigos foram analisados em três etapas através de uma síntese qualitativa. O primeiro passo foi a caracterização da amostra, de acordo com variáveis como: autores, ano de publicação, amostra e principais resultados. No segundo passo foram

identificados os aspectos psicossociais que atravessam a relação entre exposição à mídia e cyberbullying. Por fim, análises complementares foram realizadas por meio do auxílio do software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ). O software tem como principal objetivo analisar a estrutura e a organização do discurso, possibilitando informar as relações entre os mundos lexicais que são mais frequentemente enunciados pelos participantes da pesquisa (Camargo & Justo, 2013).

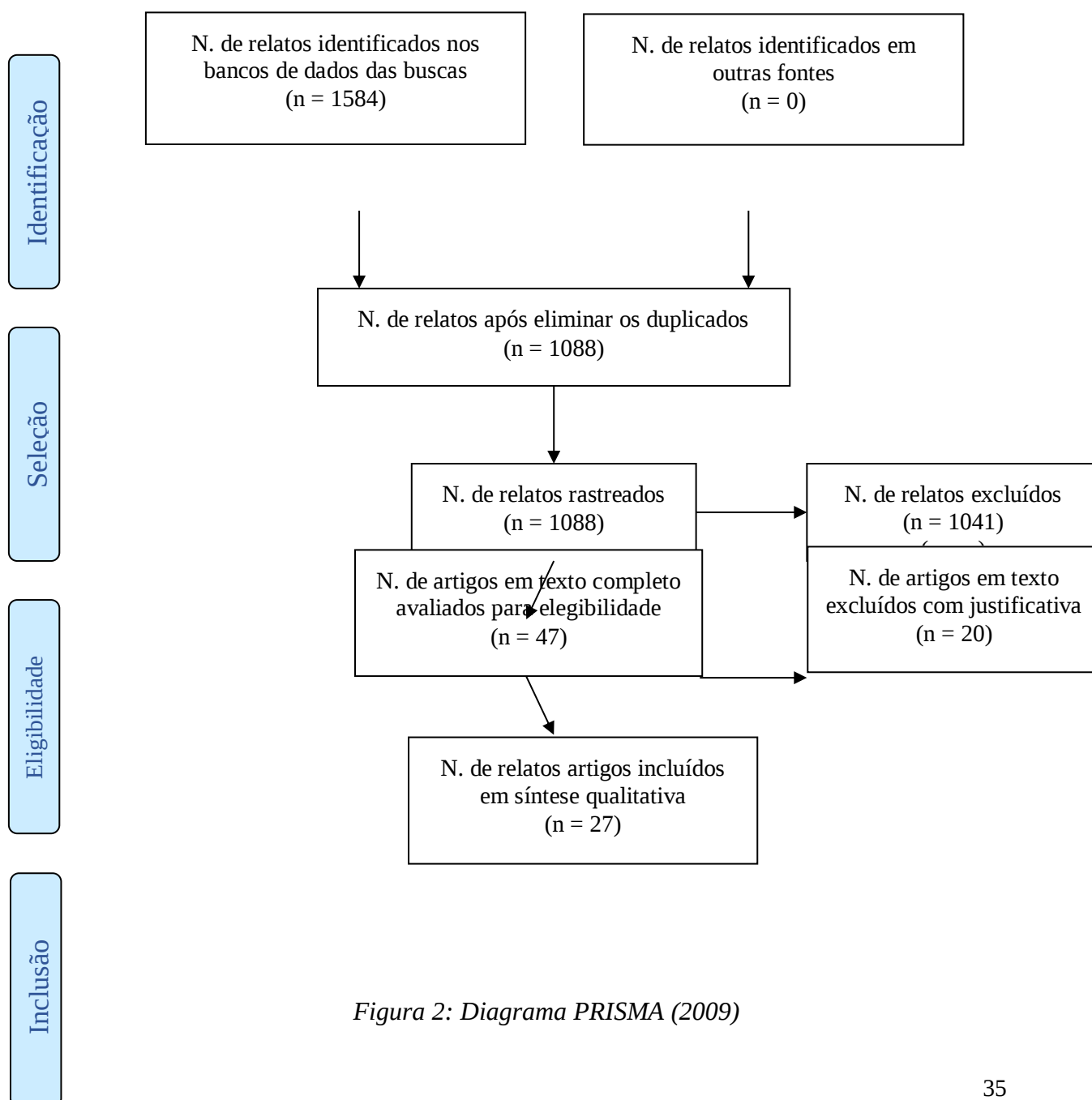


Figura 2: Diagrama PRISMA (2009)

Resultados

Caracterização da amostra

Dos 1584 estudos identificados através dos termos de busca, 27 eram adequados para compor a amostra (taxa de retenção de 1,7%). De modo geral, todos os anos incluídos no intervalo contaram com algum estudo representante, com 2018 tendo o maior número de estudos (10) e 2021 o menor (2). Considerando todos os estudos, o total de amostras contou com 202.486 sujeitos, sendo que 166.979 foram apenas do estudo de Craig et al. (2020) e 35.507 da soma dos demais.

Tais amostras foram compostas por participantes de mais de 40 países, sendo Ásia, América do Norte e Europa os continentes com maior número de representantes. As formas de mensuração variaram desde escalas já validadas (e.g. The Positive Attitudes Toward Cyberbullying Questionnaire) até itens desenvolvidos pelos autores para aquele estudo em específico. A Tabela 1 detalha as características da amostra.

Tabela 1. Caracterização da Amostra

Autor e Ano	Título	Tipo de Mídia Estudada	Amostra	Principais Resultados
Leung, Wong e Farver (2018)	You are what you read: the belief systems of cyber-bystanders on social networking sites	Facebook	203 alunos (132 mulheres, 71 homens com idades entre 12-28; M = 16,70; DP = 3,03 anos).	Os resultados mostraram que o envolvimento dos participantes no cyberbullying estava significativamente relacionado às suas crenças de controle sobre o agressor e os comportamentos de assistência à vítima.
Barlett, Kowalewski, Kramer e Helmstetter (2019)	Testing the Relationship Between Media Violence and Exposure to Cyberbullying Perpetration	Mídia violenta em geral	Participantes adultos (N 377; idade média de 34,87 anos) recrutados do Mechanical Turk (MTurk)	Replicando o trabalho anterior, as análises correlacionais mostraram que a violência na mídia se correlacionou com o cyberbullying, o

				bullying tradicional e traço de agressão;
Barlett, Gentile, Chng, Li e Kamberlin (2018)	Social Media Use and Cyberbullying Perpetration: A Longitudinal Analysis	Mídias sociais	3.079 estudantes de Cingapura participaram do estudo na Onda 1 (2010). A Onda 2 incluiu 1.086 estudantes. Por fim, a Onda 3 incluiu 886 alunos.	No geral, os resultados sugerem que as redes sociais podem ser usadas para prejudicar outras pessoas por meio do desenvolvimento de atitudes positivas de cyberbullying. - um link que tem recebido muito pouca atenção empírica.
Craig et al. (2020)	Social Media Use and Cyber-Bullying: A Cross-National Analysis of Young People in 42 Countries	Mídias sociais	Adolescentes de 11 a 15 anos de 42 países	Variações no uso de mídias sociais e cyberbullying seguem padrões de desenvolvimento e baseados em gênero em todos os países.
McHugh, Wisniewski, Rosson e Carroll (2018)	When Social Media Traumatizes Teens: The Roles of Online Risk Exposure, Coping, and Post-Traumatic Stress	Mídias Sociais	75 adolescentes entre 13 e 15 anos	O estudo confirmou que a exposição explícita de conteúdo violento, cyberbullying e solicitações sexuais (mas não violações de informações) evocam sintomas de Transtorno de estresse pós traumático.
Aizenkot (2020)	Cyberbullying experiences in classmates' WhatsApp discourse, across public and private contexts	Whatsapp	5.225 alunos do ensino fundamental e médio	Os resultados indicaram que, para todas as séries, o contexto privado é mais vulnerável ao cyberbullying no WhatsApp. em comparação
Przybylski (2018)	Exploring Adolescent Cyber Victimization in Mobile Games: Preliminary Evidence from a British Cohort	Jogos de celular e tablet	2008 adolescentes britânicos e seus cuidadores	Os resultados indicaram que o bullying em jogos móveis é relativamente comum (33,5%), embora menos de 1 em cada 10 experimente bullying repetido grave (9,3%).
McHugh, Saperstein e Gold (2018)	OMG U #Cyberbully! An Exploration of Public Discourse About Cyberbullying on Twitter	Twitter	Tweets públicos com palavras-chave e hashtags relacionadas ao cyberbullying postado durante maio de 2016	Os resultados deste estudo sugerem uma oportunidade para pesquisadores, educadores e profissionais de saúde pública usarem o discurso nas redes sociais para informar intervenções, educar e

compartilhar informações e promover o bem-estar social e a saúde mental

Babvey, Capela, Cappa, Lipizzi, Petrowski e Ramirez-Marquez (2020)	Using social media data for assessing children's exposure to violence during the COVID-19 pandemic	Mídias sociais	O quadro de amostragem inclui todos os usuários que (1) têm uma conta verificada e com um local listado publicamente em seus perfis e postou pelo menos um tweet no intervalo de tempo entre janeiro de 2019 até o presente e contém uma ou algumas palavras-chave abusivas ou de incitação ao ódio.	Subreddits relacionados à violência estavam entre os tópicos com maior crescimento após o surto de COVID-19. A análise dos dados do Twitter mostra um aumento significativo no conteúdo abusivo gerado durante as restrições para ficar em casa.
Niklová, Novocký e Dulovics (2019)	Risk aspects of online activities in victims of cyberbullying	Mídias Sociais	390 alunos do ensino fundamental e 541 alunos do ensino médio	Foi observada uma relação entre os tipos de frequência de uso de sites de redes sociais e a extensão do bullying no ciberespaço.
Hayes (2019)	Bystander Intervention to Abusive Behavior on Social Networking Websites	Mídias Sociais	600 estudantes universitários	Os entrevistados eram mais propensos a oferecer suporte à vítima, relatar o comportamento e recomendar programação para o cenário mais grave. As implicações são discutidas.
Aizenkot e Kashy-Rpsebaum (2018)	Cyberbullying in WhatsApp classmates' groups: Evaluation of an intervention program implemented in Israeli elementary and middle schools	Whatsapp	Um total de 1.402 alunos responderam a questionários pré-intervenção.	Os resultados indicaram uma diminuição significativa no cyberbullying no WhatsApp e uma melhoria significativa no clima da sala de aula.
Patton D., Leonard P., Elaesser C., et al. (2019)	What's a Threat on Social Media? How Black and Latino Chicago Young Men Define and Navigate Threats Online	Mídias sociais	33 jovens negros e latinos que frequentam programas de prevenção da violência.	Os temas emergentes descrevem como e por que as ameaças online são conceituadas nas mídias sociais.

Tudkuea T., Laeheen K., e Sittichai R. (2019)	Development of a causal relationship model for cyber bullying behaviors among public secondary school students in the three southern border provinces of Thailand	Mídias violentas	60 alunos com idades entre 13 e 18 anos	O estudo constatou que o cyberbullying da amostra foi mais influenciado pela frustração, seguido pela violência em grupo, mídia violenta e parentalidade autoritária.
Wachs, Whittle, Hamilton-Giachritsis, Wolf, Vazsonyi e Junger (2018)	Correlates of Mono- and Dual-Victims of Cybergrooming and Cyberbullying: Evidence from Four Countries	Mídias virtuais	A amostra consistiu de 2.042 adolescentes holandeses, alemães, tailandeses e americanos (idade = 11-17 anos; M = 14,2; DP = 1,4).	Aproximadamente cada nono adolescente (10,9 por cento) relatou mono- ou cibervitimização dupla. Segundo, tanto CIU quanto TOB foram associados a todos os três tipos de cibervitimização
Yudes, Rey e Extremera (2020)	Predictive Factors of Cyberbullying Perpetration amongst Spanish Adolescents	Mídias virtuais	Participaram desta pesquisa 2.039 adolescentes espanhóis entre 12 e 18 anos (53,9% mulheres).	Os resultados sugerem que ambos os preditores bem conhecidos de cyberbullying (cybervictimization e uso problemático da Internet), precisam ser levados em consideração em futuras intervenções baseadas na escola.
Kazerooni F., Taylor S., e Bazarova N. (2018)	Cyberbullying Bystander Intervention: The Number of Offenders and Retweeting Predict Likelihood of Helping a Cyberbullying Victim	Twitter	156 alunos de graduação e pós-graduação foram recrutados em uma grande universidade em troca de crédito para o curso ou \$ 5 em dinheiro.	Embora os cyberbystanders geralmente não estivessem dispostos a intervir, ver vários infratores aumentou sua probabilidade de se envolverem nos estágios do Bystander Intervention Model (BIM).
Li J., Luo C., Lin Y et al. (2018)	Exploring Chinese Youth's Internet Usage and Cyberbullying Behaviors and their Relationship	Mídias virtuais e eletrônicas	2.327 jovens chineses com idades entre 9 e 22 anos (a média de idade foi 14,6)	Com base nas pesquisas, da tecnologia pesquisada, os participantes usavam principalmente telefones celulares (72,07%); a plataforma social mais popular entre os participantes foi QQ (78,1%).
Soni D., e Singh V (2018)	See No Evil, Hear No Evil: Audio-Visual-Textual Cyberbullying Detection	Mídias sociais		Com base na análise de um conjunto de dados de cyberbullying, vários recursos de áudio e

				visuais significativamente associados ao ocorrência de cyberbullying.
Ling, K. C., Ling, C. P., Zhimin, W., Hung, K. K., & Leong, L. H. (2017).	The Impacts of Reactive Aggression and Friendship Quality on Cyberbullying Behaviour: An Advancement of Cyclic Process Model	Mídias sociais	Foi realizada uma pesquisa quantitativa entre jovens na faixa etária de 18 a 22 anos que vivenciaram certo grau de cyberbullying.	A descoberta desta pesquisa concluiu que a vitimização de pares, raiva / frustração, exposição a conteúdo de mídia anti-social e agressão reativa são os principais determinantes de comportamento de cyberbullying.
Ak, S., Özdemir, Y., & Sağkal, A. S. (2021)	Understanding the Mediating Role of Moral Disengagement in the Association between Violent Video Game Playing and Bullying/Cyberbullying Perpetration	Video game	479 alunos do ensino médio com idades entre 11-14 anos (M = 13,06, SD = 0,76).	Os resultados mostraram que o jogo violento de videogame estava direta e positivamente associado à perpetração de bullying por adolescentes.
Teng, Z., Nie, Q., Zhu, Z., & Guo, C. (2020).	Violent video game exposure and (Cyber)bullying perpetration among Chinese youth: The moderating role of trait aggression and moral identity.	Vídeo game	3,707 adolescentes no estudo 1 e 3,610 estudantes universitários no estudo 2	Os resultados mostraram que a exposição violenta a videogames foi positivamente correlacionada com bullying e cyberbullying.
Bae, S. M. (2021).	The relationship between exposure to risky online content, cyber victimization, perception of cyberbullying, and cyberbullying offending in Korean adolescents.	Mídias em geral	Este estudo analisou os dados de 4779 adolescentes (idade média = 15,05, DP = 2,61) em uma pesquisa de violência cibernética de 2019	Estudantes do sexo masculino tiveram maior frequência de ofensas de cyberbullying do que estudantes do sexo feminino e, quanto maior a nota, menor a frequência de ofensas de cyberbullying.
Yanik, C., Computer, L., & Cyprus, L. (2020).	Investigating variables related to cyber bullying and exposure.	Mídias em geral	145 adolescentes entre 13 e 15 anos	Os alunos do ensino médio afirmaram que os adolescentes eram mais frequentemente vítimas de bullying verbal no Norte de Chipre, seguidos de bullying físico, emocional, sexual e outros, respectivamente.
Vivek T. (2017)	Youth Violence and Social Media.	Mídia social	360 jovens com idades entre 16 e 30.	Verificou-se que o cyberbullying se tornou uma parte muito negativa da vida

				dessas crianças nas redes sociais.
Yuliati, R., & Saptyasar, A. (2019).	Cyberbullying Involvement: Impacts of Violence Exposure in The Media, Family, Society, and School.	Mídias eletrônicas (Tv e filmes)	Foi realizada uma pesquisa com alunos do último ano do ensino médio (N total = 201).	O estudo descobriu que a exposição à violência, especialmente na mídia e nas escolas, segregou significativamente o status de envolvimento dos alunos com cyberbullying.
Tzani-Pepelasi, C., Ioannou, M., Synnott, J., & Fumagalli, A. (2017)	Cyber-Bullying And Children's Unmonitored Media Violence Exposure.	Mídias sociais	Os participantes (N = 238) foram recrutados por meio de anúncio nas redes sociais e preencheram o questionário eletronicamente	Os resultados indicam que apenas o uso de mídia social está fortemente associado ao monitoramento dos pais.

Tipos de mídia abordadas e relação com o cyberbullying

Foram identificados apenas dois tipos de mídia dentre os estudos da amostra: mídias sociais e eletrônicas. Chama atenção o fato de que mais da metade dos estudos focaram na relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying através das mídias sociais/virtuais (n=18). Cinco estudos incluíram mídias eletrônicas nas suas análises, sendo quatro sobre videogame violento e um sobre violência na TV. Por fim, outros quatro estudos não especificaram o tipo de mídia abordadas.

É importante ressaltar que todos os estudos da amostra identificaram correlações positivas entre exposição à mídia violenta e comportamentos de cyberbullying. Por outro lado, apenas um estudo verificou que a exposição à mídia pró-social esteve correlacionada negativamente com o cyberbullying (Aizenkot & Kashy-Rosenbaum, 2018).

Variáveis associadas à relação entre exposição à mídia e cyberbullying

Diante da correlação positiva entre exposição à mídia violenta e cyberbullying já encontrada na amostra, faz-se necessário examinar algumas variáveis que podem ajudar a entender essa relação (ver tabela 2).

Tabela 2. Variáveis associadas à relação entre exposição à mídia e cyberbullying

Variáveis ambientais	Variáveis biológicas
Reforço comportamental	Sexo
Exposição ao estresse	Inteligência
Tempo gasto online	Pré-disposição para agressão
Uso problemático de internet	Transtornos psicológicos
Percepção de anonimato	

Discussão

Esta revisão sistemática teve como objetivo analisar a relação entre exposição aos diferentes tipos de mídia e o comportamento de cyberbullying à luz da literatura internacional. Para alcançar o objetivo geral foi feito um levantamento na literatura das variáveis que mais impactam a relação entre exposição à mídia e cyberbullying; e buscou-se também resultados que tratassem da relação da personalidade com o cyberbullying. Todos esses objetivos foram cumpridos, com ressalva para uma grande limitação no último objetivo específico que será discutida mais adiante.

Todos os estudos da amostra identificaram correlações positivas entre exposição à mídia violenta e comportamentos de cyberbullying, sendo a primeira uma variável importante para prever a perpetração de cyberbullying. Bushman e Huesmann (2006) consideram que a exposição à violência na mídia está relacionada ao comportamento

agressivo e o comportamento agressivo está relacionado à perpetração de cyberbullying.

As evidências correlacionais encontradas não comprovam uma relação causal as variáveis, ou seja, não se pode afirmar que consumir mídia violenta não fará alguém realizar um ato agressivo, essa relação é apenas espúria (Barlett et al., 2021; Barlett et al., 2018; Santos et al., 2020). Entretanto, pode-se afirmar que a violência na mídia é um fator de risco para a probabilidade do comportamento agressivo acontecer, assim como para a diminuição da empatia e outros comportamentos pró-sociais (Anderson et al., 2010).

Com base no exposto é importante que seja investigado o impacto de diferentes tipos de mídia no comportamento do cyberbullying, entretanto apenas dois tipos de mídia foram abordados em toda a amostra: mídias sociais e eletrônicas. Isso implica na urgência em se fazer novos estudos que considerem a exposição a todos os tipos de mídia de modo que os resultados possam ser mais amplos ao invés de se restringir apenas a mídias sociais ou vídeo games (Den Hamer, Konijn & Bushman, 2017).

Alguns estudos da amostra destacaram o papel do reforço comportamental no aumento do fenômeno do cyberbullying (Barlett et al., 2020; Barlett et al., 2018; Bae, 2021; Aizenkot & Kashy-Rosenbaum, 2018). Dessa forma, jovens expostos à mídia violenta, que são positivamente reforçados por seus colegas e familiares, são propensos a intimidar outras pessoas, desenvolvendo atitudes positivas em relação ao cyberbullying (Barlett et al., 2020; Barlett et al., 2018). Sendo assim, adolescentes podem internalizar e imitar o comportamento violento por meio da aprendizagem observacional de conteúdos violentos na mídia (Bae, 2021). Tais resultados estão de acordo com a literatura (Anderson et al., 2017; Slotter & Finkel, 2011; Bartholow, Bushman & Sestir, 2006; Funk et al., 2004).

Em outra direção, adolescentes participantes de programas de redução de

cyberbullying, ao terem comportamentos pró-sociais reforçados, apresentaram um declínio significativo nas chances de envolvimento em cyberbullying em grupos de colegas do WhatsApp (Aizenkot & Kashy-Rosenbaum, 2018). Tais resultados são corroborados por outros achados (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2018; Calvo-Morata et al., 2018; Hswen, Rubenzahl & Bickham, 2014). Quando se fala em comportamentos pró-sociais nos referimos às ações realizadas por vontade própria que têm como objetivo principal algum benefício a outra pessoa (Malti & Dys, 2018). A mídia, por sua vez, além de trazer como possibilidade a diminuição de comportamentos agressivos, pode auxiliar no aumento de comportamentos pró-sociais (Santos et al., 2020).

Outro aspecto importante encontrado na amostra foi o papel do tempo gasto online (Craig et al., 2020; Przybylsk, 2018; Yudes, Rey & Extremera, 2020; Tzani-Pepelasi, 2017). Dentre os principais resultados, destaca-se que o tempo gasto online nas mídias sociais pode exercer um papel importante na relação entre exposição a mídia violenta e cyberbullying, uma vez que quanto maior o tempo gasto, maior o risco de exposição aos conteúdos violentos, o que aumenta o risco de cyber vitimização (Craig et al., 2020; Yudes, Rey & Extremera, 2020), o mesmo vale para jogos online (Przybylsk, 2018). Tais resultados também são encontrados em outras pesquisas (Tsimtsiou, 2017; Barlett & Kowaleski, 2018; Barlett, Madison, Heath & Dewitt, 2018).

Aspectos relacionados a problemas em saúde mental como transtornos mentais comuns tiveram destaque na amostra, também foi abordada o papel da exposição ao estresse e a prevalência de transtorno de estresse pós traumático em associação ao cyberbullying (Mchugh et al., 2018; Przybylsk, 2018; Babvey et al., 2020; Tudkueaa, Laeheemb & Sittichaic, 2019; Wachs et al., 2018; Li et al., 2018). É importante

salientar que durante a pandemia do novo coronavírus houve um crescimento de problemas em saúde mental em todo o mundo (Babvey et al., 2020). Para agravar a situação o compartilhamento de conteúdo abusivo virtual implica que o aumento da exposição a conteúdos violentos online está ocorrendo em todo o planeta e, com isso, tem-se verificado um grande aumento do cyberbullying (Babvey et al., 2020).

Sabe-se que os expectadores exercem uma grande influência na perpetração do cyberbullying como parte da audiência (Raskauskas & Huynh, 2015; Gondim & Ribeiro, 2019, Kwan et al., 2020). Partindo dessa compreensão, algumas pesquisas da amostra discutiram as reações de participantes expostos a situações de violência nas mídias sociais de modo que se obteve diversas conclusões a respeito de como os comportamentos dos expectadores podem contribuir para o aumento ou diminuição desse tipo de violência (Leung, Wong & Farver, 2018; Aizenkot, 2020; Mchugh & Saperstein; Gold, 2019; Niklová, Novocký & Dulovics, 2019; Patton et al., 2019; Kazerooni, Taylor & Bazarova, 2018).

De acordo com o que foi apresentado o papel dos espectadores, assim como a pressão social a favor do cyberbullying e a percepção de anonimato (Aizenkot, 2020; Mchugh, Saperstein & Gold, 2019) também podem ser incluídos em futuros estudos para que se compreenda como podem contribuir na compreensão da relação entre as variáveis em questão.

Outros fatores que foram encontrados na amostra também podem ganhar mais atenção em futuros estudos como, por exemplo, inteligência cognitiva e emocional (Barlett, et al., 2019; Yanik, Computer & Cyprus, 2020). Para Ling et al. (2017) o impacto da qualidade da amizade e da raiva/frustração podem ser investigados enquanto variáveis moderadoras da relação em questão. Diferenças de gênero também foram abordadas pelos estudos selecionados para a amostra e apresentaram conclusões

diversas (Craig et al., 2020; Przybylsk, 2018; Hayes, 2018; Yanik, Computer & Cyprus, 2020; Yuliati & Saptyasar, 2019).

Frente a esses resultados se faz necessário discutir algumas lacunas observadas na literatura. Em primeiro lugar nenhum estudo investigou o papel da personalidade na relação entre exposição à mídia e cyberbullying, apenas um a mencionou nas discussões (Yudes, Rey & Extremera, 2020), dificultando, assim, o alcance do segundo objetivo específico do presente estudo. Aponta-se, com isso, uma grande lacuna na literatura que pode ser preenchida com pesquisas que levem em consideração como traços de personalidade como, por exemplo, o Big Five podem se relacionar com as outras principais variáveis desse estudo.

Em segundo lugar a maioria dos estudos que focaram nas mídias sociais priorizaram apenas um tipo de rede social, como Facebook, Whatsapp e Twitter (Aizenkot, 2020; Patton et al., 2019). No entanto, esses resultados não podem ser generalizados, pois a funcionalidade e os hábitos podem ser ligeiramente diferentes entre as diferentes plataformas. Compreende-se, assim, que estudos mais completos podem ser planejados envolvendo diferentes redes sociais para que se possa compará-las e sanar essa lacuna. Ademais, novas redes sociais surgem a cada dia e precisam ser investigadas.

Em terceiro lugar boa parte dos estudos alegaram limitações quanto aos métodos. A abordagem de pesquisa transversal foi citada como limitada porque os dados correlacionais e quantitativos apresentados não podem fazer alegações causais sobre a relação entre as variáveis em discussão, além de não capturar todas as instâncias dos fenômenos (Barlett, et al., 2019; Patton et al., 2019; Wachs et al., 2018; Ling et al., 2017). Deve-se considerar também que estudos que adotem medidas de autorrelato podem ser limitados pela desejabilidade social (Teng, Nie, Zhu & Guo,

2020).

O presente estudo também possui uma série de limitações que devem ser explicitadas. Primeiramente existe uma vasta literatura que aborda a relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying. Pesquisas relevantes podem ter ficado de fora de presente amostra, tendo em vista que este estudo se limitou a algumas plataformas, não abrangendo uma maior diversidade de pesquisas. Segundo, é válido observar que algumas características socioeconômicas tais como etnia, sexualidade e classe social dos participantes não foram levadas em conta como fatores que influenciam a relação estudada.

Apesar das limitações, a presente revisão sistemática se mostra relevante na medida em que discute lacunas encontradas na literatura e apresenta direcionamentos para futuros estudos empíricos, a exemplo dos próximos estudos da presente dissertação que foram embasados também pelos resultados encontrados aqui. O levantamento das variáveis realizado pode servir também para direcionar intervenções escolares e trabalhos de prevenção em saúde mental. Outras revisões sistemáticas podem considerar aspectos específicos da relação entre exposição à mídia e cyberbullying de modo que possam ter uma maior profundidade.

Capítulo 3

Estudo 2: Adaptação e análise fatorial exploratória da Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2)

Introdução

De acordo com os resultados do estudo anterior foi realizado um levantamento de instrumentos que pudessem medir a exposição à mídia. Foi encontrada a medida Extended version of the content-based media exposure scale - C-ME2 (Den Hamer, Konijn & Bushman, 2017), que ainda não havia sido validada para o contexto brasileiro.

O objetivo do presente estudo foi, portanto, adaptar e validar a medida Extended version of the content-based media exposure scale - C-ME2 (Den Hamer et al., 2017), originalmente proposta para o contexto estadunidense, composta por 22 itens. Foi traduzida a escala original como Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2). Sua validação aconteceu em dois momentos, no primeiro o objetivo foi traduzir e adaptar os itens para a cultura brasileira. Em seguida, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da escala EMC2.

A C-ME2 foi construída a partir de outra escala, a Content-based Media Exposure Scale - C-ME (Den Hamer et al., 2014), medida unifatorial composta por 8 itens que foi desenvolvida com o fim de investigar o impacto da exposição ao conteúdo de todas as plataformas de mídia antissocial e de comportamento de risco sobre os jovens. Segundo os autores, a primeira escala apresentou deficiências como não medir a exposição a conteúdo agressivo relacional na mídia, definido como prejudicando intencionalmente as relações sociais de outra pessoa, sentimentos de aceitação ou

inclusão dentro de um grupo como fofocar e espalhar boatos (Archer & Coyne, 2005; Crick & Grotpeter, 1995; Underwood, 2003). Por isso, foi proposto para a nova escala o acréscimo de novos 4 itens para preencher a lacuna apresentada.

Outra limitação foi não ter considerado o consumo de mídia pró-social. Parte-se da compreensão que a exposição a conteúdos pró-sociais de mídia pode aumentar comportamentos pró-sociais, como cooperar, ajudar os outros e empatia (Gentile et al., 2009; Happ, Melzer & Steffgen, 2015; Harrington & O'Connell, 2016), também demonstrado em revisões meta-analíticas (Greitemeyer & Mugge, 2014; Mares & Woodard, 2005). Os efeitos a longo prazo do uso da mídia pró-social aumentam ainda mais a empatia e a ajuda entre os jovens (Prot et al., 2014). Com isso, se justifica a criação de uma nova escala que pudesse abordar também o consumo de comportamento pró-social, dando origem, assim, ao segundo fator da escala composto por mais dez itens.

Tanto o fator de conteúdo antissocial quanto o fator de conteúdo pró-social foram internamente consistentes (antissocial: Cronbach $\alpha = .89$; $M = 2,72$, $SD = 0,63$; prosocial: Cronbach $\alpha = .88$; $M = 3,30$, $SD = 0,52$; total: Cronbach $\alpha = .90$; $M = 3,00$, $SD = 0,47$), atestando a escala como um bom instrumento de investigação da frequência geral de exposição a diversas plataformas de mídia, ainda sem validação para o Brasil.

A versão final da C-ME2 totaliza dois fatores e 22 itens dispostos em uma escala Likert, variando entre 1 = Nunca e 5 = Com muita frequência. O primeiro fator, conteúdo de mídia antissocial, conta com 12 itens (1-12) como: “Com que frequência você assiste na internet / TV / games / celular / DVD pessoas que atiram em outras?”. O segundo fator, conteúdo de mídia pró-social, conta com 10 itens (13-22) como: “Com que frequência você assiste na internet / TV / games / celular / DVD pessoas que ajudam outras?”. Todos os itens são apresentados na Tabela 3.

Método

Participantes

O estudo contou com a participação de 263 indivíduos provenientes da população geral, não probabilística e por conveniência. A amostra foi composta em sua maioria por sujeitos do sexo feminino (65,8%), solteiras (64,6%), brancas (58,6%), com ensino superior completo (60,1%), com renda mensal entre dois e três salários mínimos (36,5%), de religião católica (34,6%), residentes da região Nordeste (74,1%) e com idades entre 18 a 72 anos ($M = 29,17$; $DP = 10,15$).

Instrumentos

O questionário do presente estudo foi composto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a versão adaptada da Extended version of the content-based media exposure scale C-ME2 e um questionário sociodemográfico. O TCLE objetivou cumprir com as normas éticas para realização da pesquisa e foi composto por informações acerca da pesquisa, dos pesquisadores e da instituição vinculada. O participante do estudo, em concordância e livre colaboração, deveria consentir voluntariamente para fazer parte da pesquisa. Foram incluídas ao final do questionário perguntas acerca da idade, gênero, classe social, profissão, religião, cidade onde reside e hábitos de uso da internet com o objetivo de caracterizar a amostra.

Procedimentos

A primeira etapa da pesquisa consistiu em apresentar o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para emissão do parecer favorável (5.002.636). As atividades de coleta foram iniciadas, seguindo as recomendações estabelecidas na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas

com seres humanos.

Os participantes convidados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo as informações gerais da pesquisa, o contato dos pesquisadores responsáveis, e a observação de que poderiam abandonar a participação no estudo em qualquer momento que sentirem necessidade. Os dados foram coletados de maneira online por meio da plataforma Google Forms em diversas redes sociais (e.g., Facebook, Instagram, e-mails). Os critérios de participação consistiam em sujeitos que possuíssem mais de 18 anos, fossem capazes de ler e interpretar as perguntas do questionário e aceitassem participar voluntariamente da pesquisa.

Processo de tradução e adaptação cultural

Inicialmente a C-ME2 foi traduzida para o português por meio de dois juízes independentes e bilíngues. Posteriormente, as duas versões traduzidas foram encaminhadas a dois psicólogos para ajudar a identificar a melhor tradução para cada item. É importante ressaltar a necessidade de não apenas traduzir de forma literal os itens do questionário original, é preciso ser cuidadoso na adaptação do instrumento ao contexto social e cultural onde o mesmo será aplicado. Esse processo consiste em também considerar as particularidades locais da linguagem com o intuito de aplicar um instrumento com maior fidedignidade (Nora, Zoboli & Vieira, 2017).

Em sequência foi realizada a validação semântica, implicando em um questionário aplicado com o objetivo de verificar se os itens estavam compreensíveis e redigidos de maneira clara. Para isso, foi obtida uma participação de 08 estudantes universitários de graduação e pós-graduação em psicologia, não-probabilísticos.

Foi constatado que alguns itens precisavam de modificações quanto à clareza do item. Os critérios solicitados foram atendidos e os itens foram novamente modificados. Após isso, um novo questionário foi aplicado com os mesmos participantes, com a

finalidade de obter a versão final dos itens. Nessa etapa, foi verificado que os itens estavam claros para serem aplicados à população-alvo.

Análise de dados

Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da escala EMC2. A análise foi implementada no programa Factor utilizando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica de Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a Robust Promin (Lorenzo-Seva & Fernando, 2019).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA), Comparative Fit Index (CFI) e Tucker-Lewis Index (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), os valores de RMSEA devem ser menores que 0,8 e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90 ou preferencialmente 0,95.

A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). O índice H avalia quão bem um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Os valores de H variam de 0 a 1. Valores altos de H ($> 0,80$) sugerem uma variável latente bem definida, que é mais provável que seja estável em diferentes estudos. Valores baixos de H sugerem uma variável latente mal definida, e provavelmente instável entre diferentes estudos (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Também foram realizados testes de avaliação de aproximação de unidimensionalidade sugeridos por Ferrando e Lorenzo-Seva (2018). Para isso, foi levado em consideração que, segundo os autores, um valor de UniCo (Congruência

Unidimensional) e I-Unico (Item Congruência Unidimensional) maior que 0,95 sugere que os dados podem ser tratados como essencialmente unidimensionais. O mesmo vale para o valor de ECV (Variância Comum Explicada) e I-ECV (Variância Comum Explicada do Item) maior que 0,85 e para um valor de MIREAL (Média das Cargas Absolutas do Item RESidual) e I-REAL (Cargas Absolutas do Item RESidual) inferior a 0,30.

Além disso, foram calculados o índices de precisão Ômegas de McDonald, considerando os resultados apontados para escalas ordinais, superiores ou iguais a 0,70 para cada item. Também foram calculadas estatísticas descritivas e inferenciais, como: média, desvio padrão, Test t para amostra independentes e correlações de Pearson, todas pelo IBM SPSS (versão 23).

Resultados

Os testes de esfericidade de Bartlett (χ^2 2922.4, gl = 231, $p < 0,001$) e KMO (0,82) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados (χ^2 = 607,95, gl = 188; $p < 0,001$; RMSEA = 0,092; CFI = 0,965; TLI = 0,957). Além disso, a Análise Paralela sugeriu dois fatores como sendo os mais representativos para os dados, ver Tabela 3.

Tabela 3. Resultados da análise paralela

Fatores	Percentual de variância explicada dos dados reais	Percentual de variância explicada dos dados aleatórios (95% IC)
1	32.7070*	10.3244
2	27.6765*	9.4684
3	6.8370	8.7452
4	4.6749	8.2627
5	4.3746	7.7550
6	3.2731	7.2123
7	2.9121	6.7548
8	2.6681	6.3196
9	2.3762	5.9013
10	1.9451	5.4711
11	1.7519	5.0629
12	1.6236	4.6815
13	1.4799	4.3108
14	1.3406	3.9727
15	1.2326	3.6074
16	0.8465	3.2204
17	0.7889	2.7992
18	0.5586	2.3756
19	0.4966	2.0001
20	0.3330	1.5611

Nota: O número de fatores a ser retido é dois, pois dois fatores dos dados reais apresentam % de variância explicada maior do que os dados aleatórios.

As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 4. Também são reportados os índices de fidedignidade composta, bem como estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais (H-index; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), de valor próprio e variância explicada (%).

Tabela 4. Estrutura fatorial da EMC2

Itens	Média (DP)	Comunalidade	Fator 1. Conteúdo de mídia antissocial	Fator 2. Conteúdo de mídia pró-social
Pessoas que lutam?	3,16 (1,15)	0.369	0.617	0.070
Pessoas que falam abertamente sobre sexo?	3,15 (0,90)	0.153	0.397	0.065
Pessoas que usam drogas?	2,60 (1,10)	0.535	0.743	0.090
Pessoas que destroem os pertences de outras?	2,36 (1,03)	0.610	0.786	0.032
Pessoas que atiram em outras?	2,55 (1,20)	0.575	0.769	0.087
Pessoas que fazem outras de tolas?	3,16 (1,12)	0.738	0.837	-0.094
Pessoas que bebem muito álcool?	3,28 (1,13)	0.717	0.841	-0.027
Pessoas que zombam de outras?	3,22 (1,14)	0.847	0.900	-0.087
Pessoas fazendo sexo?	2,78 (1,08)	0.319	0.572	0.153
Pessoas que falam mal de outras pelas costas?	3,13 (1,19)	0.689	0.821	-0.041
Pessoas que fazem alguém cair e tropeçar por diversão?	2,28 (1,00)	0.877	0.933	-0.018
Pessoas que roubam?	2,51 (0,96)	0.261	0.489	-0.085
Pessoas que são legais com outras?	3,63 (0,77)	0.655	0.026	0.814
Pessoas que ajudam outras?	3,61 (0,73)	0.818	-0.091	0.884
Pessoas que estão apaixonadas?	3,71 (0,93)	0.335	0.372	0.517
Pessoas que entendem como as outras estão se sentindo?	3,16 (0,73)	0.460	-0.056	0.666
Pessoas que colocam outras no centro das atenções de forma positiva?	2,91 (0,91)	0.678	-0.043	0.814
Pessoas dispostas a fazer algo por outras?	3,20 (0,83)	0.632	-0.054	0.784

Pessoas que confortam outras?	3,26 (0,81)	0.588	0.088	0.778
Pessoas que dão algo para outras para fazê-las felizes?	3,19 (0,78)	0.645	-0.002	0.803
Pessoas que defendem outras?	3,28 (0,81)	0.702	-0.004	0.837
Pessoas que cooperam com outras?	3,30 (0,80)	0.819	-0.070	0.889
Fidedignidade composta	0.93	0.93		
H-latent	0.955	0.963		
H-observed	1.069	1.085		
Ômega de McDonald (ω)	0.90	0.90		
Número de itens	12	10		
Valor próprio	5,4	4,6		
Variância explicada (%)	45,7	49,6		

Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas e elevadas em seus respectivos fatores. A fidedignidade composta dos fatores também foi adequada (acima de 0,70) para todos os fatores. Já a medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) sugeriu que ambos os fatores poderão ser replicáveis em estudos futuros ($H > 0,80$). A escala apresentou um índice de consistência interna satisfatório para os dois fatores, (ω) = 0,90 para o fator 1 e (ω) = 0,90 para o fator 2.

É importante destacar que os indicadores de unidimensionalidade não suportaram a unidimensionalidade da escala. Tais resultados são demonstrados através dos seguintes valores: *Unidimensional Congruence* (UniCo, 0.69), *Explained Common Variance* (EVC, 0.54) e *Mean of Item Residual Absolute Loadings* (MIREAL, 0,48; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Frequência geral de exposição à todas as plataformas de mídia e diferenças em função do gênero

Tomando por base a estrutura com dois fatores, procurou-se conhecer o percentual de frequência geral de exposição à mídia com conteúdo antissocial e pró-

social, apontando as médias e desvios padrões de cada fator. Para o fator conteúdo de mídia antissocial mais da metade dos participantes (54,8%) relatou não consumir conteúdos antissociais nas diversas plataformas de mídia (M=2,85; DP=0,76). Já no fator conteúdo de mídia pró-social mais da metade dos participantes (52,8%) relatou que às vezes consomem conteúdos pró-sociais nas diversas plataformas de mídia (M=3,32; DP=0,60).

Em seguida, buscou-se conhecer em que medida homens e mulheres se diferenciavam em suas pontuações nesses fatores através do teste t de Student para amostras independentes. A homogeneidade de variância foi testada pelo teste de Levene, a qual atendeu a pressuposição de homogeneidade de variâncias ($p > 0.05$) para os dois fatores. A Tabela 5 apresenta esses resultados.

Tabela 5. Diferenças entre homens e mulheres para o EMC2

Fatores	Mulheres (n=173)		Homens (n=89)		T	P
	M	DP	M	DP		
Mídia antissocial	2,78	0,74	3,00	0,77	-2,21	0,02
Mídia pró-social	3,33	0,58	3,32	0,65	0,18	0,92

Considerando o primeiro fator, conteúdo de mídia antissocial, ($p < 0,05$) é possível inferir que homens e mulheres apresentam diferenças estatisticamente significativa, ou seja, os participantes do gênero masculino (M = 3,00, DP = 0,77) estão mais expostos a conteúdos antissociais na mídia que as do gênero feminino (M = 2,78, DP = 0,74). Já no segundo fator, conteúdo de mídia pró-social, não foi observada nenhuma diferença estatisticamente significativa entre homens (M = 3,32, DP = 0,65) e mulheres (M = 3,33, DP = 0,58).

Para verificar as possíveis correlações entre os resultados do EMC2 e idade foi feito o coeficiente de correlação de Pearson, o qual mostrou que há uma correlação negativa e fraca entre idade e exposição à conteúdo antissocial nas diversas plataformas de mídia ($r = -0,153$; $p < 0,05$). A partir disso, é possível inferir que quanto menor a idade maior a exposição à conteúdos antissociais na mídia. Não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa entre idade e exposição a conteúdo pró-social.

Estudo 3: Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2)

O objetivo do presente estudo foi confirmar a estrutura de dois fatores proposta originalmente e verificada no Estudo 2. Para isso, foram observados os índices de qualidade de ajuste estimando um modelo fatorial. Tal procedimento foi realizado para verificar a adequação estrutural desse construto para amostras de pessoas brasileiras.

Método

Participantes

Participaram 266 pessoas da população geral, através de uma amostragem não probabilística e por conveniência. Os participantes, em sua maioria, eram residentes da região Nordeste (91,4%) e possuíam idades entre 18 a 68 anos ($M = 26,7$; $DP = 07,84$). A amostra contou majoritariamente com indivíduos do sexo feminino (66,2%), brancas (56,8%), solteiras (69,2%) e com ensino superior completo (75,6%).

Instrumentos

Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2):

idem à descrição do estudo 2.

Questionário sociodemográfico: Foram incluídas ao final do questionário perguntas acerca da idade, gênero, classe social, profissão, religião, cidade onde reside e hábitos de uso da internet, com o objetivo de caracterizar a amostra.

Procedimentos

Foram aplicados os mesmos procedimentos do Estudo 2.

Análise de dados

Para a efetivação do estudo, a análise fatorial confirmatória (CFA) foi utilizada com o programa *JASP* (versão 0.14), visando alcançar o modelo mais adequado foram utilizados indicadores de adequação de ajuste ao modelo, considerando os valores absolutos, parcimoniosos e os instrumentais (Anunciação, 2018). Fez-se a frequência das médias e desvios padrões do perfil amostral, bem como Ômega de McDonald para aferição da consistência interna. Os critérios utilizados foram: *Chi-square Ratio/Degrees of Freedom* (χ^2/df), é um índice absoluto e avalia a discrepância entre o modelo testado e os dados observados, cujos valores devem estar entre 1 e 3 (Anunciação, 2018).

O *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Goodness of Fit Index* (GFI) e o *Standardized Root Mean-Square Residual* (SRMR), também são índices absolutos, avaliam a discrepância entre o modelo testado e os dados observados, são aceitáveis para o GFI valores maiores que 0,90, para o RMSEA menores que 0,05, mas aceitáveis até 0,08 e para SRMR se aceitam índices menores que 0,10 são indicativos de bom ajuste (Anunciação, 2018; Kline, 2015).

Os índices *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Tucker-Lewis Index* (TLI), são índices incrementais e avaliam o quanto o modelo testado é melhor que o modelo nulo,

aceitam valores acima de 0,95 indicam ótimo ajuste e os superiores a 0,90 indicam ajuste adequado (Kline, 2015). No presente estudo foi utilizado o Estimador *Weighted Least Squares Mean- and Variance- adjusted* (WLSMV).

Resultados

A CFA foi realizada para fornecer informações sobre a validade do construto e a estrutura fatorial da versão da EMC-2. Todos os lambdas [λ] foram estatisticamente significativos ($p < 0,001$), com valores iguais ou maiores que 0,30, exceto pelo item 2 (0,28). Os *loadings* variaram entre 0,28 e 0,83, sendo que os itens com maiores valores (6, 12 e 18) apresentaram respectivamente $\lambda = 0,80$; $\lambda = 0,82$; $\lambda = 0,83$. Todos os valores podem ser vistos na Figura 5.

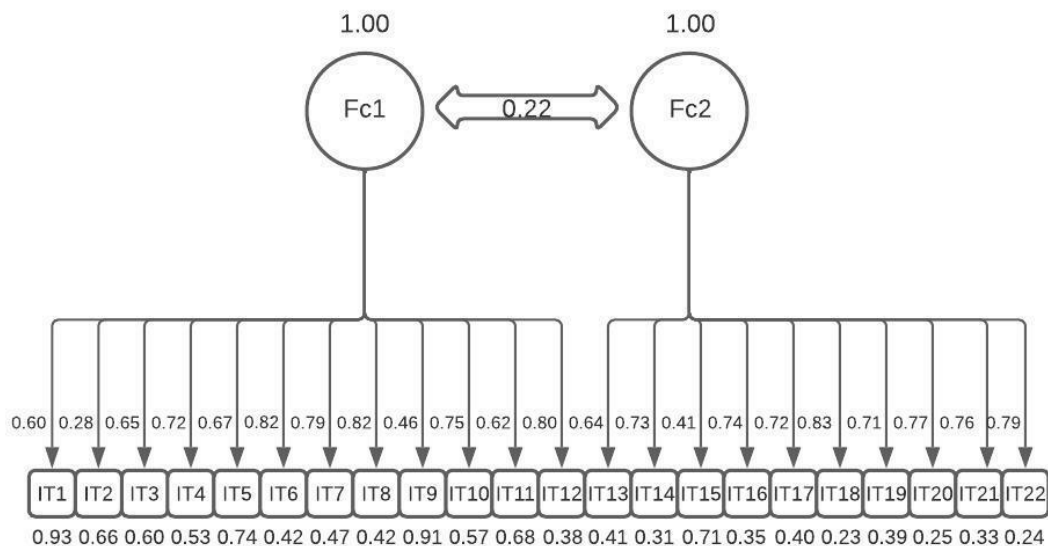


Figura 5. Modelo Estrutural da EMC2

Os resultados trazem os seguintes dados para o modelo com dois fatores: χ^2 (208) = 519.648, $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 2,498$; GFI = 0,95; CFI = 0,95; TLI = 0,94; RMSEA

= 0,07 (IC 90%: 0,06-0,08); SRMR= 0,09. O coeficiente de consistência interna foi calculado por meio do Ômega ($\omega = 0,75$).

Discussão

Considerando a escassez de instrumentos publicados em periódicos científicos com referências psicométricas focadas, especialmente, para a exposição à mídia violenta e pró-social no contexto brasileiro, decidiu-se adaptar a Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2) reunindo evidências de validade e consistência interna, que atenderam aos objetivos propostos pelo presente estudo.

A EMC2, que originalmente possui 22 itens distribuídos em dois fatores, teve seus parâmetros psicométricos investigados e adequados (Pasquali, 2010). No que concerne à estrutura fatorial da EMC2, foi utilizada a análise fatorial exploratória e confirmatória, uma vez ser essas as análises mais adequadas para testar modelos com características preestabelecidas, ou que tenham um aporte teórico os norteando (Marôco, 2010). Portanto, foram testados os modelos (unifatorial e com dois fatores) utilizando-se do programa Factor considerando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). Para alcançar o modelo mais adequado foram utilizados indicadores de adequação de ajuste ao modelo, considerando os valores absolutos, parcimoniosos e os instrumentais (Anunciação, 2018)

Os resultados apontaram o modelo de dois fatores como o mais coerente, constituído por 12 itens no primeiro fator e 10 itens no segundo fator, confirmando a mesma estrutura fatorial proposta originalmente pelos autores (Den Hamer et al., 2017). Vale salientar que se optou pelo modelo de dois fatores, não apenas por indicar melhores índices, mas também por considerar a indicação de Cheung e Rensvold (2001) que indica que dentre os modelos possíveis, seja escolhido o mais parcimonioso. Para

Den Hamer et al (2017) a adição do fator pró-social melhora o equilíbrio da medição da exposição à mídia baseada em conteúdo e é útil na investigação dos efeitos do conteúdo de mídia antissocial e pró-social preenchendo uma lacuna na literatura, já que uma série de estudos têm investigado o impacto negativo do conteúdo violento da mídia, mas ainda poucos têm associado tal impacto ao do conteúdo da mídia pró-social.

No tocante a consistência interna a EMC2 apresentou índice satisfatório para os dois fatores conforme a medida original (Den Harmer et al., 2017), apontando para valores superiores a 0,70, valor que tem servido de ponto de corte na literatura (Kline, 2013; Nunnally, 1991; Pasquali, 2010).

Em relação a frequência de exposição à mídia anti e pró-social mais da metade dos participantes (54,8%) relatou não consumir conteúdos antissociais nas diversas plataformas de mídia. Já no fator conteúdo de mídia pró-social mais da metade dos participantes (52,8%) relatou que às vezes consomem conteúdos pró-sociais nas diversas plataformas de mídia. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que relatar o consumo de mídia pró-social se constitui como um tipo de papel menos reprovável socialmente, em detrimento da antissocial. Acerca disso, sugere-se que estudos futuros repliquem esses dados, controlando a variável da desejabilidade social.

Consistente com pesquisas anteriores, foi encontrada uma diferença significativa na exposição à mídia antissocial entre homens e mulheres, sendo os homens usuários mais frequentes (Dal Cin, Stoolmiller & Sargent, 2012; Denniston, Swahn, Hertz & Romero, 2011; Linder & Gentile, 2009; Möller, Krahé, Busching & Krause, 2011; Parkes et al., 2013; Den Hamer et al., 2014), enquanto isso, não foi encontrada diferença significativa entre os gêneros para a exposição à conteúdos pró-sociais.

Com relação à idade dos participantes, foi encontrada uma correlação positiva entre idade e exposição a conteúdo antissocial na mídia. Participantes mais jovens

apresentaram maior exposição a violência na mídia que os mais velhos, este resultado diferentemente de outras pesquisas (Miedzobrodzka, Konijn & Krabbendam, 2021; Nwifo, Nweze, Ugwoke, Odo & Chukwuorji, 2021) mostra que o fator sociocultural influencia na maneira como jovens e adultos possuem acesso a determinados conteúdos violentos nas diversas plataformas de mídia.

Embora os resultados apresentados terem relevância, se faz indispensável demonstrar algumas limitações do presente estudo. A primeira limitação diz respeito às amostras do tipo não probabilísticas, de maioria nordestina, não podendo ser representativas de toda a população brasileira, sendo mais sensato, portanto, ponderar as generalizações dos resultados. Além disso, por se tratar de um construto relacionado à exposição à violência na mídia as respostas podem ter sido influenciadas pela desejabilidade social que influencia os participantes a responderem de forma tendenciosa (Stöber, 2001).

Outra limitação foi o momento histórico em que a pesquisa foi realizada, a pandemia do novo coronavírus que trouxe mudanças no uso da internet e aparelhos eletrônicos na sociedade brasileira que ainda estão sendo investigadas. Tendo em vista tais limitações, sugerem-se que estudos futuros possam superá-las, bem como, possam verificar a estabilidade temporal desta medida (teste-reteste), validade discriminante e preditiva, além de correlacionar com outras variáveis.

Apesar das limitações, os resultados foram similares aos encontrados por Den Hamer et al. (2017) no que concerne aos dois fatores do instrumento, confirmando, portanto, uma boa medida no rastreamento de exposição a diversas plataformas de mídia, que pode servir como um guia para profissionais na elaboração de intervenções eficazes para prevenção de comportamentos agressivos como o cyberbullying.

Capítulo 4

Estudo 4. As relações entre exposição à mídia, personalidade e cyberbullying

O presente estudo possui um delineamento correlacional considerando as seguintes variáveis: exposição à mídia violenta e pró-social, personalidade e cyberbullying. O objetivo é analisar as relações entre essas variáveis considerando o impacto da exposição à mídia e da personalidade (variáveis independentes) no cyberbullying (variável dependente).

Partindo do que já foi exposto algumas hipóteses foram levantadas, são elas:

H1- A maior exposição à mídia violenta estará correlacionada positiva e significativamente com a perpetração de cyberbullying. H2-A maior exposição à mídia pró-social estará correlacionada negativa e significativamente com a perpetração de cyberbullying. H3- Alguns traços de personalidade como extroversão (+), a conscienciosidade (-) e a amabilidade (-) estarão correlacionados ao cyberbullying; H4- A exposição à mídia violenta será um mediador significativo da relação entre cyber agressão e cyber vitimização.

Método

Participantes

Participaram 265 pessoas provenientes da população geral, a partir de uma amostragem não probabilística e por conveniência. A presente amostra é caracterizada principalmente por sujeitos residentes na região Nordeste (92%) e com idades entre 18 a 55 anos ($M = 27,25$; $DP = 70,07$). A maioria é do sexo feminino (53,3%), solteira (76,6%), branca (54,7%), cursa ensino superior (41,9%), com renda de um salário mínimo (33,6%) e não possui nenhuma religião (44,5%).

Instrumentos

Escala de Exposição à Mídia Baseada em Conteúdo – Versão Estendida (EMC2):

idem à descrição do Estudo 2 e 3.

Inventário de personalidade de dez itens (TIPI):

Elaborado originalmente por Gosling, Rentfrow e Swan (2003), e no Brasil validada por Pimentel e Seco (2011), trata-se de uma medida breve dos cinco grandes fatores de personalidade: extroversão (itens 1 e 6, $r = -0,45$; $p < 0,00$), amabilidade (2 e 7, $r = -0,74$; $p > 0,05$), conscienciosidade (3 e 8, $r = -0,32$; $p < 0,00$), estabilidade emocional (4 e 9, $r = -0,44$; $p < 0,00$) e abertura à experiência (5 e 10, $r = -0,17$; $p < 0,00$), a escala é, portanto, composta por dez itens.

Os participantes devem responder os itens em uma escala de concordância do tipo Likert com 7 pontos, variando entre 1 = Discordo fortemente e 7 = Concordo fortemente, por exemplo: “Eu me vejo como alguém...”, seguindo os itens (e.g., “crítico, briguento”; “Simpático, acolhedor e assim por diante de acordo com as características correspondentes a cada traço de personalidade).

Escala Florence de cyber-agressão e cyber-vitimização:

Desenvolvida por Palladino et al. (2015) e validada no Brasil por Cavalcanti e colaboradores (2019), é composta de nove itens, divididos em três fatores: visual, falsificação e exclusão. A medida é disposta em uma escala Likert, variando entre 1 = nunca e 5 = Várias vezes na semana. Enfatiza-se os índices de consistência interna da escala para o presente estudo, sendo o fator geral das duas escalas $\alpha = 0,66$. Para a escala de cyber agressão encontra-se $\alpha = 0,60$ e para a escala de cyber vitimização $\alpha = 0,67$.

Para exemplificar, a escala de cyber vitimização, o primeiro fator, visual, conta com 3 itens (1-3) como: “nos últimos 2-3 meses quantas vezes aconteceu de você receber vídeos /fotos/imagens constrangedoras ou íntimas através do celular?”. O

segundo fator, falsificação, conta com 3 itens (4, 6 e 8) como: “nos últimos 2-3 meses quantas vezes aconteceu de alguém ter conseguido e utilizado, sob falsa identidade, a senha do seu celular?”. O terceiro fator, exclusão, conta com 3 itens (5, 7 e 9) como “nos últimos 2-3 meses quantas vezes aconteceu de você ter sido ignorado(a) de forma intencional em grupos online (sites, chat, redes sociais)?”

Questionário sociodemográfico:

Com o intuito de caracterizar a amostra foi perguntado: estado que reside, idade, gênero, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade.

Procedimentos

Todos os preceitos éticos foram seguidos e detalhados nos estudos anteriores.

Análise de dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o IBM SPSS Statistics versão 23. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais, como média e desvio padrão. Também foram calculadas as correlações de Pearson. Para testar o modelo de mediação foi utilizado o plugin Amos.

Resultados

Os resultados são apresentados na ordem de sua realização. Começando com as análises descritivas e comparação de médias, seguindo com as relações entre variáveis; análises preditivas e testagem de modelos de mediação.

Análises descritivas, diferenças de gênero e comparação de médias

Tomando por base a estrutura com dois fatores da EMC2, procurou-se conhecer o percentual de frequência geral de exposição à mídia com conteúdo anti e pró-social, apontando as médias e desvios padrões de cada fator (ver Tabela 6).

Tabela 6. Frequência e médias da EMC2

	Nunca %	Quase nunca %	Às vezes %	Frequentemente %	Com muita frequência %	Total % (M; DP)
Conteúdo de mídia antissocial	26%	34,4%	31,3%	8,3%	0	100 (M=2,69; DP=0,89)
Conteúdo de mídia pró-social	0,4%	12,8%	44,9%	29,4%	12,5%	100 (M=3,86; DP=0,81)

Conforme observado, os dados obtidos na EMC2 demonstraram que cerca dos 26% dos participantes relataram não consumir conteúdos antissociais nas diversas plataformas de mídia, enquanto apenas 8,3% consome tais conteúdos com frequência. Também foi observado que, no que diz respeito ao segundo fator, apenas 0,4% relatou nunca ter acesso a conteúdo de mídia pró-social. Nesse sentido, mais da metade (44,9%) dos participantes relataram que às vezes consomem conteúdos pró-sociais nas diversas plataformas de mídia, enquanto 12,5% relata um maior consumo.

Já com relação a prevalência de cyber agressão e cyber vitimização entre a amostra, tomou-se por base a estrutura com três fatores apontando as médias e desvios padrões de cada fator referentes aos dados dos últimos 3 meses (ver Tabela 7).

Tabela 7. Frequência e médias das Escalas Florence de cyber agressão e cyber vitimização

	Nunca %	Apenas 1 ou duas vezes %	2 a 3 vezes ao mês %	Uma vez por semana %	Várias vezes por semana %
Cyber agressão					
Fator visual	82,6%	11,7%	4,9%	0,8%	0
Fator falsificação	94%	3,7%	0,8%	1,5%	0
Fator exclusão	72,8%	19,7%	4,5%	2,2%	0,8%
Cyber vitimização					
Fator visual	38,9%	30,9%	18,5%	9,1%	2,6%
Fator falsificação	84,9%	12,1%	0,9%	1%	0,4%
Fator exclusão	62,3%	17,3%	11,3%	3,4%	1,5%

De acordo com os dados relatados na Tabela 7 destaca-se que entre os resultados da Escala Florence de Cyber Agressão o fator exclusão foi apontado como o mais frequente pela amostra. Isso indica que 27,2% da amostra ignorou, excluiu ou bloqueou alguém de forma intencional pelo menos de uma a duas vezes nos últimos três meses. Para os resultados de cyber vitimização encontra-se que o fator visual foi o mais frequente, ou seja, mais da metade da amostra (61,1%) recebeu conteúdo visual constrangedor ou de violência ao menos uma ou duas vezes nos últimos três meses.

Para conhecer em que medida homens e mulheres se diferenciavam em suas pontuações foi realizado o teste t de Student para amostras independentes. A homogeneidade de variância foi testada pelo teste de Levene, a qual atendeu a pressuposição de homogeneidade de variâncias ($p > 0.05$) para os dois fatores. A Tabela 8 apresenta os resultados referentes às Escalas Florence de Cyber agressão.

Tabela 8. Diferenças entre homens e mulheres para cyber agressão

	Mulheres (n=142)		Homens (n=119)		T	P
	M	DP	M	DP		
Cyber agressão	10,54	3,07	11,44	4,10	-1,95	0,05

Conforme demonstrado na tabela 8, com relação ao comportamento de cyber agressão ($p < 0,05$) é possível inferir que homens e mulheres apresentam diferenças estatisticamente significativas, ou seja, os participantes do gênero masculino ($M = 11,44$, $DP = 4,10$) estão mais envolvidos em comportamentos de cyber agressão/perpetração de cyberbullying que as do gênero feminino ($M = 10,54$, $DP = 3,07$).

Relações entre as variáveis

Correlações de Pearson

Com base nas hipóteses quanto a direção esperada das relações entre as variáveis desse estudo, correlações bivariadas de Pearson foram rodadas com todas as variáveis descritas: exposição a conteúdos antissociais e pró-sociais em diversas plataformas de mídia, cyber agressão e cyber vitimização, assim como os fatores de personalidade.

Os resultados demonstram a exposição à conteúdo antissocial nas diversas plataformas de mídia está correlacionada positivamente com a cyber agressão ($r = 0,23$; $p < 0,05$) e com a cyber vitimização ($r = 0,25$; $p < 0,05$). De acordo com tais resultados pode-se compreender que quanto mais um indivíduo consome conteúdos violentos e antissociais nas diversas plataformas de mídia, mais se corre risco de se envolver em comportamento de cyberbullying, seja como vítima ou como agressor (ver Tabela 9).

Tabela 9. Relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying

	E. mídia violenta	C. agressão	C. vitimização
E. mídia violenta	-		
C. agressão	0,23**	-	
C. vitimização	0,25*	0,53**	-

Nota: ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$; E. = Exposição, C. = Cyber.

Os resultados apontaram que não houve correlação estatisticamente significativa entre a exposição à mídia pró-social e cyberbullying, conforme pode ser observado na Tabela 10.

Tabela 10. Relação entre exposição à mídia pró-social e cyberbullying

	E. mídia pró-social	C. agressão	C. vitimização
E. mídia pró-social	-		
C. agressão	-0,01	-	
C. vitimização	-0,06	0,53**	-

Nota: ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$; E. = Exposição, C. = Cyber.

O consumo de mídia antissocial também se correlacionou negativamente com dois fatores de personalidade, sendo eles conscienciosidade ($r = - 0,16$; $p > 0,05$) e estabilidade emocional ($r = - 0,12$; $p > 0,05$). Para reforçar tais resultados encontra-se que o consumo de mídia pró-social está correlacionado positivamente com o fator de personalidade estabilidade emocional ($r = 0,12$; $p > 0,05$). Acrescenta-se a isso que a

variável exposição a conteúdos pró-sociais se correlaciona fraca e negativamente com o fator visual da cyber agressão ($r = -0,14$; $p > 0,005$, ver Tabela 11).

Tabela 11. Relação entre exposição à mídia, traços de personalidade e cyber agressão

	E. mídia violenta	Cons.	Est. Emocional	E. mídia pró-social	Visual
E. mídia violenta	-				
Cons.	-0,16**	-			
Est. Emocional	-0,12*	0,20**	-		
E. mídia pró-social	0,01	0,04	0,12*	-	
Visual	0,21**	-0,19**	-0,18**	-0,14*	-

Nota: ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$; E. = Exposição, Cons. = conscienciosidade, Est. = estabilidade.

Em se tratando de cyber agressão, o fator geral se correlacionou positivamente com a cyber vitimização ($r = 0,53$; $p < 0,05$). Além disso, se correlacionou negativamente com três fatores de personalidade, sendo eles: agradabilidade ($r = -0,12$; $p > 0,05$), conscienciosidade ($r = -0,15$; $p > 0,05$) e estabilidade emocional ($r = -0,18$; $p < 0,05$). Esses resultados indicam que homens estão mais associados a comportamentos de cyberbullying, tanto na posição de agressor como na posição de vítima. Por outro lado, pessoas com traços de personalidade considerados como simpáticos, acolhedores, confiáveis, autodisciplinadas, calmos e emocionalmente estáveis podem estar mais associadas um menor risco de serem alvo de cyber agressão.

Acrescenta-se a isso que a estabilidade emocional também se correlacionou negativamente com a cyber vitimização ($r = -0,18$; $p < 0,05$). Já o fator extroversão se

correlaciona fraca e positivamente com o fator falsificação da cyber vitimização ($r = 0,15$; $p > 0,005$). Assim, pessoas com traços de personalidade mais extrovertidos podem estar mais associadas ao risco de serem alvo de falsificação na internet (ver Tabela 12).

Tabela 12. Relação entre cyberbullying e traços de personalidade

	C. agressão	C. vitimização	Agrad.	Cons.	Est. Emocional	Extro.
C. agressão	-					
C. vitimização	0,53**	-				
Agrad.	-0,12*	0,03	-			
Cons.	-0,15*	-0,10	0,23**	-		
Est. emocional	-0,17*	-0,18**	0,33**	0,20**	-	
Extro.	0,07	0,15	0,12	0,12*	0,07	-
Falsificação	0,42**	0,73**	0,08	-0,00	-0,06	0,15*

Nota: ** $p < 0,001$, * $p < 0,05$; C. = Cyber, Agrad. = Agradabilidade, Cons. =

conscienciosidade, Est. = estabilidade, Extro. = extroversão.

Modelos de mediação

Finalmente, com o intuito de verificar ao papel de variáveis mediadoras nas relações estudadas, de acordo com as correlações encontradas, foram testados três modelos de mediação pelo método *Bootstrap* com 2000 amostras simuladas e 95% no intervalo de confiança.

O primeiro modelo testa a relação entre a exposição a mídia violenta (variável independente), cyber agressão (mediador) e cyber vitimização (variável dependente).

A análise evidenciou que o modelo obteve uma adequação significativa para a relação testada (GFI: ,99, AGFI: ,94, CFI: ,96, CMIN/df: 1 e RMSEA: ,082). Foram observados efeitos diretos (efeito direto: $\lambda = 0,13$, IC 95% = 0,17/0,25, $p = < 0,00$) e indiretos (efeito indireto: $\lambda = 0,10$, IC 95% = 0,56/0,16, $p = < 0,00$) na exposição à mídia antissocial na cyber vitimização. De acordo com este resultado compreende-se que a cyber agressão quando mediada pelo consumo de mídia antissocial está relacionada a uma maior prevalência de cyber vitimização. O modelo é apresentado na Figura 4.

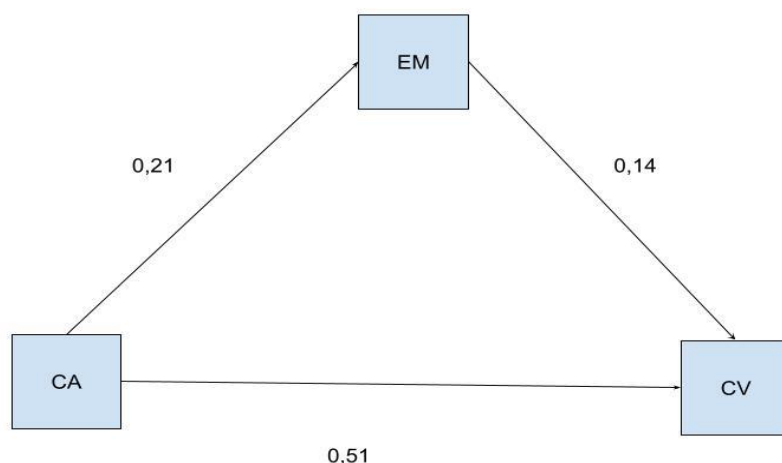


Figura 4. Modelo de Mediação entre cyber agressão (CA), exposição à mídia antissocial (EM) e cyber vitimização (CV)

Foram observados também apenas efeitos indiretos (efeito direto: $\lambda = -0,76$, IC 95% = - 0,12/ - 0,26, $p = < 0,00$) na relação da estabilidade emocional com a cyber vitimização, sendo mediada pela cyber agressão. Isso indica que a estabilidade não impacta diretamente a cyber vitimização, isso acontece apenas quando se leva em consideração o cenário em que o indivíduo é um cyber agressor. O modelo é apresentado na Figura 5.

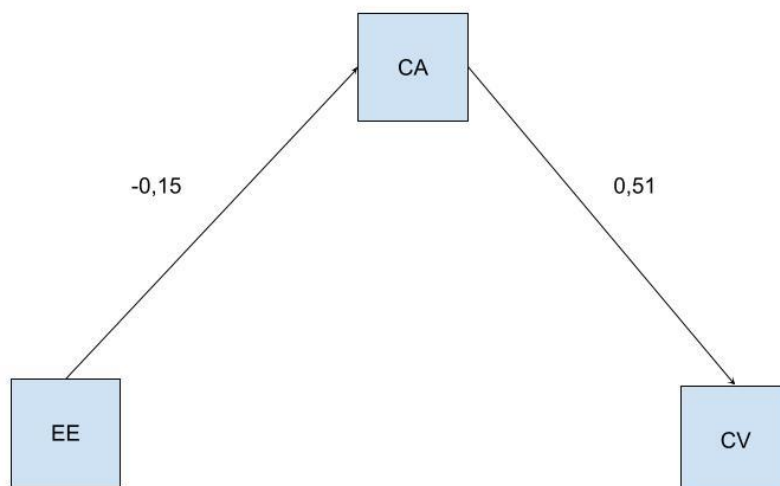


Figura 5. Modelo de mediação entre estabilidade emocional (EE), cyber agressão (CA)

Discussão

Este estudo mostrou que a exposição à mídia violenta está relacionada positiva e significativamente com a perpetração de cyberbullying influenciando, consequentemente, a cyber vitimização, mas não houveram diferenças estatisticamente significativas quanto a relação entre a exposição à mídia pró-social e a menor prevalência de cyberbullying, corroborando parcialmente as hipóteses levantadas. Foi investigado também a relação entre traços de personalidade com o cyberbullying e o papel da exposição à mídia violenta como variável mediadora entre cyber agressão e cyber vitimização, fazendo cumprir o objetivo do presente estudo, assim como o objetivo geral da dissertação.

A correlação positiva entre exposição à mídia violenta e cyberbullying, que confirmou a primeira hipótese (H1) do presente estudo, está de acordo com a literatura (Lam, Cheng, & Liu, 2013; denHamer, & Konijn, 2015; Fanti et al., 2012, Barlett et al., 2019; Anderson et al., 2017; Huesmann et al., 2003; Konijn et al., 2007; Anderson et al., 2010). De acordo com os processos distais do GAM a exposição à violência na mídia não é um preditor direto do cyberbullying porque não há evidências de relação causal entre as variáveis. Alguns estudos considerem que essa relação é espúria (Barlett et al., 2020; Barlett et al., 2018) e só poderia ser demonstrada através de estudos experimentais que considerassem os aspectos proximais e situacionais abordados pelo modelo, entretanto isso não impede que a exposição à violência na mídia seja importante para compreender a perpetração de cyberbullying.

A segunda hipótese (H2) deste estudo foi fundamentada com embasamento na literatura (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2018; Calvo-Morata et al., 2018;

Hswen, Rubenzahl & Bickham, 2014), contudo, não foi confirmada nesta pesquisa. Independentemente deste resultado, é lógico pensar que a mídia pró-social, além de trazer como possibilidade a diminuição de comportamentos agressivos, pode auxiliar no aumento de comportamentos pró-sociais (Santos et al., 2020). Quando se fala em comportamentos pró-sociais se refere às ações realizadas por vontade própria que têm como objetivo principal algum benefício a outra pessoa (Malti & Dys, 2018).

Resultados sugerem alguns fatores relacionados aos comportamentos pró-sociais que podem se correlacionar negativamente com o cyberbullying, como empatia e cooperação (Greitemeyer & Osswald, 2009; Harrington & O'connell, 2016; Teng et al., 2019; Teng et al. 2020). Adolescentes participantes de programas de redução de cyberbullying, ao terem comportamentos pró-sociais reforçados, apresentaram um declínio significativo no envolvimento em cyberbullying em grupos de colegas do WhatsApp (Aizenkot & Kashy-Rosenbaum, 2018), tais resultados também são corroborados pelo GAM já que o modelo postula que a relação entre a exposição à violência na mídia e o comportamento agressivo é, pelo menos parcialmente, baseada no reforço positivo violento que muitos meios de comunicação violentos exibem, a mesma lógica se aplica à exposição às mídias pró-sociais (Anderson & Bushman, 2018; Mariano, 2020; Barlett & Gentile, 2016).

Foi levantada também a hipótese (H3) que alguns traços de personalidade como extroversão (+), a conscienciosidade (-) e a amabilidade (-) estariam correlacionados ao cyberbullying, esta hipótese foi confirmada de acordo com os resultados apresentados, acrescentando a relação o papel do traço estabilidade emocional que se correlacionou negativamente com o cyberbullying. É importante retomar que a extroversão foi correlacionada positiva e significativamente com o fator falsificação da cyber vitimização.

Pesquisas apontam que a amabilidade caracteriza pessoas mais gentis, altruístas e empáticas, o que pode diminuir a possibilidade de se envolver em comportamentos antissociais, como o cyberbullying (Balakrishnan & Fernandez, 2019; Van Geel et al., 2017). Dessa forma, esse traço de personalidade envolve também a manutenção de relações interpessoais positivas e minimização de conflitos, motivações que diminuiriam a chance de se envolver em comportamentos agressivos (Cavalcanti & Pimentel, 2016).

De acordo com a GAM as características da personalidade afetam tendências consideravelmente estáveis para agir agressivamente (Allen et al., 2018). Nessa perspectiva, pontuações baixas para o traço amabilidade, como apontado por Anderson e Bushman (2018) e Cavalcanti e Pimentel (2016), se configura como um dos fatores de risco mais apontados para o comportamento agressivo na literatura. O cyberbullying também se relacionou negativamente com a estabilidade emocional, Zhang et al. (2020) corroboram esses resultados.

Ainda é destacado que o papel da exposição à mídia violenta neste estudo vai mais além do que já foi confirmado na primeira hipótese. Foi verificado que essa variável é uma mediadora significativa da relação entre cyber agressão e cyber vitimização, confirmando a última hipótese (H4). Um resultado similar foi encontrado por Ling, et al. (2017) onde a exposição à mídia violenta foi um mediador significativo entre cyberbullying e outros fatores de risco como agressão. Além disso, foi investigado o papel dos traços de personalidade nesta relação indicando que a estabilidade não impacta diretamente a cyber vitimização, isso acontece apenas quando se leva em consideração o cenário em que o indivíduo é um cyber agressor.

Diferenças de gênero também foram encontradas no presente estudo. Foi observado que os participantes do gênero masculino estão mais envolvidos em

comportamentos de cyber agressão/perpetração de cyberbullying que as do gênero feminino. Este resultado está de acordo com outros estudos (Craig et al., 2020; Przybylsk, 2018, Hayes, 2018; Yanik, Computer & Cyprus, 2020; Yuliati & Saptyasar, 2019). Observa-se ainda que homens são os mais propensos a sofrer cyberbullying por meio de jogos violentos (Przybylsk, 2018) e a perpetrar agressão sexual online (Hayes, 2018).

Apesar disso, outros resultados mostram que a diferença de gênero não é importante na exposição à violência na mídia e nos comportamentos de cyberbullying, enfatizando que ambos os sexos estão sob risco de cyberbullying (Yanik; Computer & Cyprus, 2020). Por outro lado, autores apontam que mulheres passam mais tempo online e relatam uso mais problemático da internet que os homens, apresentando maior exposição aos conteúdos agressivos e maiores índices de cibervitimização (Craig et al., 2020; Yuliati & Saptyasar, 2019), no entanto, quando as mulheres são expostas às situações de violência nas mídias sociais também são mais propensas a oferecer apoio às vítimas (Hayes, 2018).

Os resultados apresentados correspondem ao efeito de longo prazo indicado pelo GAM no que diz respeito a agressão, aqui correspondendo ao cyberbullying (Anderson & Bushman, 2018) e são limitados por algumas razões, são elas: 1- as amostras foram escolhidas por conveniência e de maneira não probabilística. De igual modo ao estudo dois e três a amostra de maioria nordestina não pode ser representativa de toda a população brasileira, implicando, mais uma vez, no cuidado em ponderar as generalizações dos resultados. 2- Por se tratar de um construto relacionado à comportamentos agressivos, os resultados podem ter sido influenciados pela conveniência social (Stöber, 2001). 3- Os resultados apresentados são correlacionais e não comprovam nenhuma relação causal entre as variáveis. Do ponto de vista teórico, o

uso de dados correlacionais só permite conclusões relacionadas a aspectos distais do GAM, que correspondem aos efeitos a longo prazo das variáveis independentes no cyberbullying (Barlett, 2019).

Frente ao exposto, é necessário que futuros estudos possam diversificar a amostra e controlar a desejabilidade social. Além disso, em futuras pesquisas é importante examinar relações de predição da exposição à mídia no cyberbullying, assim como a relação causal entre essas variáveis através de modelos de pesquisa experimentais de modo a contemplar os aspectos proximais do GAM.

Outro direcionamento para futuros estudos é que seja investigado o papel de personalidade enquanto moderadora da relação entre exposição à mídia e cyberbullying já que esta variável apresenta características mais estáveis para essa função. Foi observado também que quando se trata de diferenças de gênero na relação entre exposição à mídia e cyberbullying as conclusões ainda são diversas, portanto, futuros estudos devem continuar investigando quais são os fatores que podem explicar essa disparidade (Stoll & Block, 2015)

Capítulo 5:

Discussão Geral da Dissertação

A presente dissertação teve como objetivo geral compreender o cyberbullying através da exposição à mídia violenta e pró-social e do papel dos traços de personalidade. Para abordar essas relações cientificamente foi adotado como referencial teórico o Modelo Geral da Agressão (GAM) que embasou o planejamento dos quatro estudos e as discussões dos resultados.

Aqui serão retomados os objetivos específicos de cada um dos estudos realizados e serão discutidos os principais resultados, bem como suas implicações para várias questões importantes. Em seguida, serão apresentadas as limitações e por fim serão apontadas as direções futuras e algumas considerações sobre como prevenir o cyberbullying.

Principais resultados

Retornando aos objetivos de cada estudo é possível verificar que todos foram cumpridos e responderam às perguntas de pesquisa levantadas. Iniciando com o primeiro estudo foi realizada uma revisão sistemática da literatura que teve como objetivo analisar a relação entre exposição aos diferentes tipos de mídia e o comportamento de cyberbullying à luz da literatura internacional. Foi destacado que apenas dois tipos de mídia foram abordados pela amostra: mídias sociais e eletrônicas, evidenciando uma lacuna na literatura no que diz respeito à influência de outros tipos de mídia no comportamento de cyberbullying.

Essa lacuna foi preenchida nos Estudos 2, 3 e 4, especialmente no segundo e terceiro, de natureza psicométrica, que validaram e confirmaram a estrutura de dois fatores da Extended version of the content-based media exposure scale - C-ME2 propostas originalmente por Den Hamer et al. (2017). As propriedades psicométricas

apresentadas atestaram que a escala se constitui como uma boa medida no rastreamento de exposição a diversas plataformas de mídia para o contexto brasileiro.

Ainda sobre o primeiro estudo, todos os resultados da amostra identificaram correlações positivas entre exposição à mídia violenta e comportamentos de cyberbullying, o que foi analisado no Estudo 4, confirmando a primeira hipótese levantada. Isso aponta que os resultados apresentados estão de acordo com o que já foi apresentado na literatura (Anderson & Bushman, 2002; Kowalski et al., 2014; Barlett & Gentile, 2016; Soni & Singh, 2018) e que essa dissertação avança teoricamente no sentido de verificar o papel da exposição à mídia violenta enquanto mediadora da cyber agressão na cyber vitimização. Embora existam resultados similares (Ling, et al., 2017) não se tem conhecimento de outros estudos que já tenham testado essa relação à luz do GAM anteriormente.

Embora o Estudo 1 tenha encontrado um estudo discutindo a relação negativa entre exposição à mídia pró-social e cyberbullying na literatura (Garaigordobil, Martínez-Valderrey, 2018; Calvo-Morata et al., 2018), esse resultado não foi encontrado no Estudo 4. Com isso, a segunda hipótese foi a única que não foi confirmada nessa dissertação. Diante disso, fica claro que essa relação é mais complexa do que pode parecer e que outras variáveis devem ser investigadas para que, com isso, se possa entender o que mais pode ter influência como, por exemplo, variáveis pessoais como a personalidade.

No tocante ao papel da personalidade na relação chamou atenção o fato de que na revisão sistemática nenhum estudo aborda essa variável de maneira significativa, apenas um estudo (Yudes, Rey & Extremera, 2020) a menciona como sugestão para estudos futuros, elucidando, com isso, mais uma lacuna na literatura. Dessa forma, no Estudo 4 essa lacuna foi preenchida por meio da análise da relação entre traços de

personalidade com a exposição à mídia e cyberbullying.

Foi confirmada, portanto, a terceira hipótese que esperava que fatores de personalidade como amabilidade e conscienciosidade estariam correlacionados negativamente com o cyberbullying, assim como a extroversão estaria correlacionada positivamente, tal como outros achados internacionais (Balakrishnan & Fernandez, 2019; Van Geel et al., 2017; Cavalcanti & Pimentel, 2016).

De acordo com esses resultados pode-se compreender que o traço amabilidade caracteriza pessoas mais simpáticas e acolhedoras, já a conscienciosidade está relacionada às pessoas consideradas mais confiáveis e autodisciplinadas, o que pode diminuir a possibilidade de se envolver em cyberbullying. Por outro lado, a baixa amabilidade indica uma associação a pessoas mais críticas e briguentas e se constitui como um fator de risco para o cyberbullying, principalmente quando são expostos a conteúdos violentos na mídia (Balakrishnan & Fernandez, 2019).

A estabilidade emocional também foi correlacionada negativamente com o cyberbullying e está de acordo com outros resultados (Zhang et al., 2020). Apesar disso, sabe-se que pessoas caracterizadas como calmas e estáveis emocionalmente não estão imunes à cyber vitimização, elas também podem ser alvo de agressão online. A relação entre estabilidade emocional e cyber vitimização, segundo os resultados do Estudo 4, é mediada pela cyber agressão.

Os resultados apresentados reforçam o que é apontado pela literatura quando se diz que o cyberbullying pode envolver um sujeito no papel de agressor (cyber agressão) quando este comete a violência ou de vítima (cyber vitimização) quando esta sofre a violência, podendo também um mesmo sujeito se envolver em ambos os papéis quando se sofre e se perpetua a violência através da cyber agressão/vitimização (Raskauskas & Huynh, 2015; Gondim & Ribeiro, 2019; Cavalcanti, et al., 2019), ou seja, indivíduos,

ainda que apresentem traços de estabilidade emocional, ao se envolverem em comportamentos de cyber agressão podem também ser alvo de cyber vitimização, mesmo que essa relação não seja direta.

A extroversão, por sua vez, foi associada a uma maior probabilidade de sofrer cyber vitimização, uma vez que pessoas mais extrovertidas que se expõem mais que pessoas tímidas, principalmente nas redes sociais, podem ser mais alvo de falsificação na internet como, por exemplo, através da criação de perfis fake.

Implicação teórica

De acordo com o GAM os fatores distais são compostos pelas variáveis pessoais que são as características de personalidade de uma pessoa, suas atitudes, crenças, scripts, predisposições biológicas, entre outras. As variáveis pessoais podem ser classificadas em aspectos ambientais ou biológicos que a longo prazo impactam na probabilidade do comportamento agressivo acontecer (Anderson & Bushman, 2018). Na presente dissertação a variável ambiental estudada foi a exposição à mídia em relação com a personalidade, variável biológica. O comportamento agressivo em análise foi o cyberbullying.

Os achados do presente estudo confirmaram a estrutura proposta pelo GAM quando propõem que a exposição violenta à mídia violenta pode influenciar no aumento da raiva e das cognições agressivas, o que, por sua vez, leva ao aumento da agressão a longo prazo (Teng et al., 2020). Quando se pergunta na EMC2 “Com que frequência você assiste na internet / TV / games / celular / DVD pessoas que lutam?” observa-se com isso que o instrumento investiga a exposição habitual, e não apenas situacional, à violência na mídia, que é um fator importante para explicar o desenvolvimento de comportamentos agressivos e de uma personalidade agressiva de acordo com o GAM (Den Hamer et al., 2017).

A longo prazo, com a experiência adquirida da repetição, indivíduos com traços de personalidade mais agressivos ao se sentirem ameaçados, ainda que não sejam de fato, podem passar a responder a tais “ameaças” com agressão física. Esses indivíduos tornam-se pessoas habitualmente agressivas (viés de agressividade), principalmente em contextos ambientais de exposição à violência, seja na mídia ou não (Mariano, 2020). Dessa forma, ao desenvolver uma personalidade hostil um indivíduo pode também desenvolver mudanças estáveis na disposição a agir agressivamente. Essas mudanças, por sua vez, levam a aumentos de comportamentos agressivos e a diminuições no comportamento de ajuda.

No GAM se fala em scripts, crenças e esquemas de expectativa agressivas que podem ser consequência da exposição contínua à mídia violenta a qual pode resultar em ensaios e aprendizado de cyberbullying. Portanto, a exposição à violência na mídia está relacionada ao comportamento agressivo e o comportamento agressivo está relacionado à perpetração de cyberbullying (Bushman & Huesmann, 2006; Waasdorp & Bradshaw, 2015).

Na presente pesquisa foi encontrada uma diferença significativa na exposição à mídia violenta e no comportamento de cyberbullying entre homens e mulheres, sendo os homens mais expostos à violência e mais perpetradores de cyberbullying que as mulheres. Entretanto, é importante ressaltar que não há evidências suficientes na literatura de que qualquer grupo específico de pessoas (e.g., idade, sexo, classe socioeconômica, ambiente familiar desestruturado) sejam completamente livres de sofrerem os efeitos da exposição à violência na mídia ou de sofrerem cyberbullying (Mariano, 2020; Allen & Anderson, 2017).

O fenômeno da agressão como visto é muito complexo e não se limita a fatores biológicos como sexo e personalidade ou fatores ambientais como ser exposto à

violência. É importante destacar que para além das variáveis abordadas nesse estudo algumas outras desempenham papel fundamental na compreensão do cyberbullying como práticas parentais (e.g., disciplina e supervisão dos pais), influências de amigos (e.g., colegas agressivos ou delinquentes), presença ou não de suporte social e de orientação escolar, além de outras variáveis situacionais bem discutidas pelos processos proximais do GAM (Mariano, 2020; Skinner & Saxton, 2019; Anderson & Bushman, 2018). Tudo isso deve servir para que autoridades públicas, famílias e educadores possam se implicar não só no combate, mas, sobretudo, na prevenção do cyberbullying que já tem tirado a vida de muitas pessoas no mundo inteiro.

Limitações

Algumas limitações já foram apontadas anteriormente como a amostragem por conveniência e probabilística nos três estudos empíricos a qual não permite que os dados sejam representativos de toda a população brasileira. Também foi citada a limitação da desejabilidade social que pode ter levado os participantes a responderem as questões sobre violência e agressão de uma maneira socialmente aceita. Foi discutido também a impossibilidade de comprovar uma relação causal entre as variáveis, visto que os estudos realizados foram de natureza teórica, psicométrica e correlacional.

Outra limitação geral diz respeito ao momento histórico em que a pesquisa foi realizada, a pandemia do novo coronavírus que transformou a maneira como usuários do mundo inteiro utilizam a internet e aparelhos eletrônicos, acarretando possíveis vieses nos resultados de pesquisas dessa natureza que ainda estão sob investigação.

Direções futuras

Partindo do que foi discutido ao longo do presente trabalho, estudos futuros devem ter o cuidado de diversificar a amostra de modo que seja representativa da população brasileira, assim, é importante que sejam investigados como os fenômenos

aqui apresentados se comportam em outros contextos e com amostras mais equilibradas. É importante também que sejam planejados estudos que possam controlar a desejabilidade social.

Estudos longitudinais e experimentais podem se utilizar dos dados aqui encontrados para planejar pesquisas que foquem na relação entre causa e efeito nas variáveis. Além disso, outros estudos correlacionais podem investigar modelos de mediação de segunda ordem de acordo com a teoria para avaliar qual deles é o melhor. Podem também ser testadas relações de moderação entre as variáveis tendo a personalidade como variável moderadora. Com isso, também pode ser investigado a influência do gênero nessas variáveis e quais as possíveis razões para a disparidade de resultados na literatura quanto a essa variável específica. Pesquisas qualitativas também serão importantes para agregar na discussão.

Considerações finais

As notícias sobre casos de cyberbullying viraram rotina na mídia em geral. Não só cyber agressores, mas também cyber vítimas podem acabar reforçando um ciclo sem fim de agressão virtual quando, por exemplo, utilizam estratégias de enfrentamento como vingança contra o agressor. Quando não prevenido ou tratado os efeitos da cyber vitimização podem levar a vítima a direcionar a violência também em outras pessoas diferentes do agressor, iniciando um novo ciclo. Os espectadores que não ajudam as vítimas ou não se posicionam contra o cyberbullying também colaboram para o agravamento desse problema, haja vista que o aumento do número de visualizações em posts ofensivos gera mais engajamento e audiência.

Apesar das limitações apontadas anteriormente deve ser destacada a relevância

social do presente estudo. Diante de um cenário de cyberbullying crescente, os resultados apresentados fornecem dados acerca das variáveis que estão associadas positiva e negativamente a esse fenômeno para que gestores públicos possam criar projetos de intervenção através de debates e campanhas públicas, assim como projetos de lei para a proteção do usuário de mídias eletrônicas e de internet. Os conhecimentos produzidos pelas pesquisas acadêmicas nessa área devem ser divulgados afim de se efetivar uma psicoeducação social em níveis mais abrangentes.

Deve ser enfatizado que escolas públicas e privadas podem realizar projetos de prevenção e combate ao cyberbullying. As intervenções podem contar com recursos diversos como palestras, rodas de conversa, oficinas, formação de professores e podem também incluir educação de pais acerca dos potenciais problemas do mau uso da tecnologia, uma vez que tais fatores estão associados a maiores índices de exposição à violência, seja física ou online, e como isso pode repercutir em um maior envolvimento com cyberbullying.

Os psicólogos que atuam em instituições de educação devem, sobretudo, com uma escuta atenta e com o acolhimento necessário prezar pelo cuidado de jovens e adolescentes, pois este público-alvo é o mais associado o cyberbullying. É importante que se trabalhe o fortalecimento de vínculos nas escolas, uma vez que o suporte social é apontado como uma estratégia potente para que vítimas não perpetuem a agressão.

Projetos que trabalham temas transversais como a autoestima e inteligência emocional podem contribuir para uma promoção de saúde mental nos ambientes educacionais ao estimular um aumento nos níveis de bem-estar da comunidade escolar, o que, por sua vez, pode reduzir a intenção de causar danos. Além disso, temas como empatia, respeito e cooperação são fundamentais para estimular os comportamentos pró-sociais e assim prevenir a prevalência de cyberbullying.

REFERÊNCIAS

- Aizenkot, D. (2020). Cyberbullying experiences in classmates: WhatsApp discourse, across public and private contexts. *Children and Youth Services Review*, 110, 104814. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104814>
- Aizenkot, D., & Kashy-Rosenbaum, G. (2018). Cyberbullying in WhatsApp classmates groups: Evaluation of an intervention program implemented in Israeli elementary and middle schools. *New Media & Society*, 20(12), 4709-4727. doi:10.1177/1461444818782702
- Ak, Ş., Özdemir, Y., & Sağkal, A. S. (2021). Understanding the Mediating Role of Moral Disengagement in the Association between Violent Video Game Playing and Bullying/Cyberbullying Perpetration. *Contemp School Psychol*. doi: <https://doi.org/10.1007/s40688-021-00352-x>
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology*, 19, 75-80. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.03.034
- Alsawalqa & Odeh, R. (2021). Cyberbullying, social stigma, and self-esteem: the impact of COVID-19 on students from East and Southeast Asia at the University of Jordan. *Heliyon*, 7, 1-13. doi: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e06711>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). Media Violence and the General Aggression Model. *Journal of Social Issues*, 74(2), 386—413. doi: 10.1111/josi.12275
- Anderson, C. A., & Bushman, B.J. (2002). Human aggression. *Annual Review of psychology*, 53, 27-51. doi: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>

- Anderson, C. A., Carnagey, N. L., Flanagan, M., Benjamin, A. J., Eubanks, J., & Valentine, J. C. (2004). Violent video games: Specific effects of violent content on aggressive thoughts and behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 36, 199-249. doi: [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(04\)36004-1](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(04)36004-1)
- Anderson, C. A., & Godfrey, S. (1987). Thoughts about actions: the effects of specificity and availability of imagined behavioral scripts on expectations about oneself and others. *Soc.Cogn.* 5(2), 38–58.
doi:[10.1521/SOCO.1987.5.3.238](https://doi.org/10.1521/SOCO.1987.5.3.238)
- Anderson, C. A., Shibuya, A., Ihori, N., Swing, E. L., Bushman, B. J., Sakamoto, A., Rothstein, H. R., & Saleem, M. (2010). Violent video game effects on aggression, empathy, and prosocial behavior in Eastern and Western countries. *Psychological Bulletin*, 136, 151-173. doi: 10.1037/a0018251
- Anunciação, L. (2018). An Overview of the History and Methodological Aspects of Psychometrics History and Methodological aspects of Psychometrics. *Journal for ReAttach Therapy and Developmental Diversities*, 1(1), 44-58. doi: 10.26407/2018jrtdd.1.6
- Asparouhov, T., & Muthen, B. (2010). Simple second order chi-square correction. Unpublished manuscript. Recuperado de:
https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf
- Assembléia Legislativa da Paraíba (2021). Assembleia aprova Lei Lucas Santos para garantir combate ao cyberbullying na Paraíba. Recuperado de:
<http://www.al.pb.leg.br/40609/assembleia-aprova-lei-lucas-santos-para-garantir-combate-ao-cyberbullying-na-paraiba.html>

- Azrin, N. H., Hutchinson, R. R., & Hake, D. F. (1966). Extinction-induced aggression. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 9(3), 191-204. doi: [10.1901/jeab.1966.9-191](https://doi.org/10.1901/jeab.1966.9-191)
- Babvey, P., Capela, F., Cappa, C., Lipizzi, C., Petrowski, N., & Ramirez-Marquez, J. (2020). Using social media data for assessing children's exposure to violence during the COVID-19 pandemic. *Child Abuse and Neglect*, 116(2), 104747. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104747>
- Bae, S. M. (2021). The relationship between exposure to risky online content, cyber victimization, perception of cyberbullying, and cyberbullying offending in Korean adolescents. *Children and Youth Services Review*, 123, 105946. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.105946>
- Balakrishnan, V., & Fernandez, T. (2019). Self-esteem, empathy and their impacts on cyberbullying among young adults. *Telematics and Informatics*, 35(7), 2028-2037. doi:10.1016/j.tele.2018.07.006
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. New York, General Learning Press.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). Imitation of film-mediated aggressive models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 3-11.
- Barlett, C. P., & Gentile, D. A. (2012). Attacking others online: The formation of cyber bullying in late adolescence. *Psychology of Popular Media Culture*, 1, 123-135. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0028113>
- Barlett, C. P., & Chamberlin, K. (2017). Examining Cyberbullying across the Lifespan. *Computers in Human Behavior*, 71, 444-449. doi: 10.1016/j.chb.2017.02.009
- Barlett, C. P., Dewitt, C. C., Maronna, B., & Johnson, K. (2018). Social Media Use as a Tool to Facilitate or Reduce Cyberbullying Perpetration: A Review Focusing on

- Anonymous and Nonanonymous Social Media Platforms. *Violence and Gender*. 5(3), 147-152. doi: <http://doi.org/10.1089/vio.2017.0057>.
- Barlett, C. P., Gentile, D. A., & Chew, C. (2016). Predicting Cyberbullying From Anonymity. *Psychology of Popular Media Culture*. 5(2), 171-180. doi: <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- Barlett, C. P., Gentile, D. A., Chang, G., Li D., & Chamberlin, K. Social. (2018).Media Use and Cyberbullying Perpetration: A Longitudinal Analysis. *Violence and Gender*, 5(3), 191-197. doi: 10.1089/vio.2017.0047
- Barlett, C. P., Kowalewski, D. A., Kramer, S. S. & Helmstetter, K. M. (2019). Testing the Relationship Between Media Violence Exposure and Cyberbullying Perpetration. *Psychology of Popular Media Culture*, 8(3), 280-286. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000179>
- Barlett, C. P., Madison, C. S., Bailey, J. H., & Dewitt, C. C. (2018). Please Browse Responsibly: A Correlational Examination of Technology Access and Time Spent Online in the Barlett Gentile Cyberbullying Model. *Computers in Human Behavior*, 92, 1-25. doi: 10.1016/j.chb.2018.11.013
- Barlett, C. P. et al. (2021). Cross-cultural similarities and differences in the theoretical predictors of cyberbullying perpetration: Results from a seven-country study. *Aggressive Behavior*, 47(1), 111-119. doi: <https://doi.org/10.1002/ab.21923>
- Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. New York: Guilford Publications.
- Bushman, B. J., & Huesmann, L. R. (2006). Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160(4), 348-352. doi: 10.1001/archpedi.160.4.348

- Cavalcanti, J. G., Paiva, T. T., Pimentel, C. E., Pinto, A. V. de L., & de Moura, G. B. (2019). Parâmetros psicométricos das Escalas Florence de Cyber Agressão Cyber Vitimização. *Psico*, 50(3), e31520. doi: <https://doi.org/10.15448/19808623.2019.3.31520>
- Cavalcanti, J., & Pimentel, C. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008
- Cetic.br. (2021). Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. Recuperado de: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/#:~:text=A%20estimativa%20%C3%A9%20da%20pesquisa,de%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Coordena%C3%A7%C3%A3o%20do>
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2001). The effects of model parsimony and sampling error on the fit of structural equation models. *Organizational Research. Methods*, 4(3), 236-264. doi: 10.1177/109442810143004
- Cline, V. B., Croft, R. G., & Courrier, S. (1973). Desensitization of children to television violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27, 260–265. doi: 10.1037/h0034945
- Craig, W. et al. (2020). Social Media Use and Cyber-Bullying: A Cross-National Analysis of Young People in 42 Countries. *Journal of Adolescent Health*, 66(6), 100-108. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.03.006>

- Dal Cin, S., Stoolmiller, M., & Sargent, J. D. (2012). When movies matter: Exposure to smoking in movies and changes. *J Health Commun*, 17(1), 76–89.
doi: [10.1080/10810730.2011.585697](https://doi.org/10.1080/10810730.2011.585697)
- Den Hamer, A. H., & Konijn, E. A. (2015). Adolescents' media exposure may increase their cyberbullying behavior: A longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, 56, 203–208. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.09.016>
- Den Hamer, A. H., Konijn, E. A., & Bushman, B. J. (2017). Measuring exposure to media with antisocial and prosocial content: An extended version of the content-based media exposure scale (C-ME2). *Communication Methods and Measures*, 11(4), 289–299. doi: 10.1080/19312458.2017.1375089
- Den Hamer, A. H., Konijn, E. A., & Keijer, M. G. (2014). Cyberbullying behavior and adolescents' use of media with antisocial content: A cyclic process model. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(2), 74–81. doi: 10.1089/cyber.2012.0307
- Denniston, M. M., Swahn, M. H., Hertz, M. F., & Romero, L. M. (2011). Associations between electronic media use and involvement in violence, alcohol and drug use among United States high school students. *Western Journal of Emergency Medicine*, 12(3), 310.
- Drabman, R. S., & Thomas, M. H. (1975). The effects of television on children and adolescents: A symposium. Does TV breed indifference? *Journal of Communication*, 25 (4), 86–89.
- Fanti, K. A., Demetriou, A. G., & Hawa, V. V. (2012). A longitudinal study of cyberbullying: Examining risk and protective factors. *European Journal of*

Developmental Psychology, 9, 168–181. doi:

<http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2011.643169>

Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis.

Educational and Psychological Measurement, 78, 762-780.

doi:10.1177/0013164417719308

Ferreita, E. Z., Oliveira, A. M. N., Medeiros, S. P., Gomes, G. C., Cezar-Vaz, M. R., &

Ávila, J. A. (2020). Internet influence on the biopsychosocial health of

adolescents: an integrative review. *Rev. Bra. Enferm.* 73(2), e20180766.

doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0766>

Fischer, P., & Greitemeyer, T. (2006). Música e agressividade. O impacto das letras de

músicas sexuais-agressivas sobre pensamentos, emoções e behavior em direção

ao mesmo e ao sexo oposto. *Boletim de Personalidade e Psicologia Social*, 32,

1165-1176. doi: 10.1177/0146167206288670

Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (Edição Standard Brasileira

das obras completas, vol. VII). Imago (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. (Edição Standard Brasileira das Obra

Completas de Sigmund Freud, vol. XXI). Imago. (Trabalho original publicado

em 1996).

Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos. (Vol. IV Obras Psicológicas Completas

de Sigmund Freud edição standard brasileira). Imago (Trabalho original

publicado em 1900).

- Freud, S. (1996). Totem e tabu. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII). Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Frissen, T. (2020). Internet, o grande radicalizador? Explorando relações entre a busca de materiais extremistas online e a radicalização cognitiva em adultos jovens. *Computadores em Comportamento Humano*, 106549. doi: 10.1016/j.chb.2020.106549
- Gentile, D.A., Lynch, P. J., Linder, J. R., & Walsh, D. A. (2004). Os efeitos dos hábitos violentos de videogame na hostilidade adolescente, na agressividade e no desempenho escolar. *Revista da Adolescência*, 27, 5-22. doi:10.1016/j.adolescence.2003.10.002
- Globoplay. (2021). Casos de cyberbullying aumentam 85% no Pará. Recuperado de: <https://globoplay.globo.com/v/9759534/>
- Gondim, L. S. S., & Ribeiro, M. S. S. (2019). Cyberbullying em estudantes do ensino médio em Juazeiro BA. *Revista do NUFEN*, 11(1), 102-121. doi: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01artigo48>.
- González, M. A., Fernández, M. E. V., Urturi, A. F., Bregón, B. H., Moreno, M. F. M., & Molinero, L. R. (2015). Uso y riesgos de las tecnologías de la información y comunicación en adolescentes de 13-18 años. *Acta Pediatr Esp*, 73(6), 126-35.
- Gunter, B. (2016). *Does Playing Video Games Make Players More Violent?* Media and Communication University of Leicester. Loughton, Essex, UK.
- Hayes, B. E. (2018). Bystander Intervention to Abusive Behavior on Social Networking Websites. *Violence Against Women*. 25(4), 463-484. doi:[10.1177/1077801218793221](https://doi.org/10.1177/1077801218793221)

- Huesmann, L. R. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *J. Soc. Issues*, 42, 125-140. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1986.tb00246.x>
- Huesmann, L. R., Moise-Titus, J., Podolski, C. L., & Eron, L. D. (2003). Longitudinal relations between children's exposure to TV violence and their aggressive and violent behavior in young adulthood: 1977–1992. *Developmental Psychology*, 39, 201–221. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.39.2.201>
- Viala-Gaudefroy, J., & Lindaman, D. Donald Trump's 'Chinese Virus': the Politics of Naming, The Conversation. (2020). recuperado de: <https://theconversation.com/donald-trumps-chinese-virus-the-politics-of-naming-136796>
- Kazerooni, F., Taylor, S. H., & Bazarova, N. N. (2018). Cyberbullying Bystander Intervention: The Number of Offenders and Retweeting Predict Likelihood of Helping a Cyberbullying Victim. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 23, 146–162. doi:10.1093/jcmc/zmy005
- Kline, P. (2013). *Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge.
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York, NY: The Guildford Press.
- Kokkinos, C. M., & Antoniadou, N. (2019). Cyberbullying e Cyber-vitimização entre professores de graduação através da Lente do Modelo de Agressão Era l Da Geração. *Computadores em Comportamento Humano*, 98, 59-68. doi: 10.1016/j.chb.2019.04.007
- Konijn, E. A., Nije Bijvank, M., & Bushman, B. J. (2007). I wish I were a warrior: The role of wishful identification in the effects of violent video games on aggression

- in adolescent boys. *Developmental Psychology*, 43, 1038–1044. doi:
<http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.43.4.1038>
- Kwan, I. et al. (2020). Cyberbullying and Children and Young People's Mental Health: A Systematic Map of Systematic Reviews. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(2), 72-82. doi:
<https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0370>
- Lam, L. T., Cheng, Z., & Liu, X. (2013). Violent online games exposure and cyberbullying/victimization among adolescents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16, 159–165. doi:
<http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2012.0087>
- Lenhart, A. (2015). Mobile access shifts social media use to other online activities. Recuperado de: <http://www.pewinternet.org/2015/04/09/mobile-access-shifts-social-media-use-and-other-online-activities/>
- Leung, A. N. M., Wong, N., & Farver, J. M. (2018). You Are What You Read: The Belief Systems of Cyber-Bystanders on Social Networking Sites. *Front. Psychol.*, 9(365), 1-11. doi: 10.3389/fpsyg.2018.00365
- Li, J., Luo, C., Lin, Y., & Shadiev, R. (2018). Exploring Chinese Youth's Internet Usage and Cyberbullying Behaviors and their Relationship. *Asia-Pacific. Edu Res*, 27(5), 383–394. doi: <https://doi.org/10.1007/s40299-018-0397-y>
- Linder, J. R., & Gentile, D. A. (2009). Is the television rating system valid? Indirect, verbal, and physical aggression in programs viewed by fifth grade girls and associations with behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(3), 286–297. doi:10.1016/j.appdev.2008.12.013

- Ling, K. C., Ling, C. P., Zhimin, W., Hung, K. K. & Leong, L. H. (2017). The Impacts of Reactive Aggression and Friendship Quality on Cyberbullying Behaviour: An Advancement of Cyclic Process Model. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning*. 7(2), 49-71. doi: 10.4018/IJCBPL.2017040105
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT, Revista Peruana de Psicología*, 25, 99-106. doi:10.24265/liberabit.2019.v25n1.08
- Mariano, T. E. (2020). Os efeitos de curto e longo prazo dos videogames violentos na agressão. tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Mchugh, B. C., Wisniewski, P., Rosson, M. B., & Carroll, J. M. (2018). When social media Traumatizes Teens: The Roles of Online Risk Exposure, Coping, and Post-Traumatic Stress. *Internet Research*, 28(5), 1-46. doi: [10.1108 / IntR-02-2017-0077](https://doi.org/10.1108/IntR-02-2017-0077)
- Mchugh, M. C., Saperstein, S. L., & Gold, R. S. (2019). OMG U #Cyberbully! An Exploration of Public Discourse About Cyberbullying on Twitter. *Health Education & Behavior*. 46(1), 97-105. doi:[10.1177/1090198118788610](https://doi.org/10.1177/1090198118788610)
- Miedzobrodzka, E. , Konijn, E. A. , & Krabbendam, L. (2021). Emotion Recognition and Inhibitory Control in Adolescent Players of Violent Video Games. *Journal of Research on Adolescence*, 1-17. doi: <https://doi.org/10.1111/jora.12704>
- Möller, I., Krahé, B., Busching, R., & Krause, C. (2011). Efficacy of an intervention to reduce the use of media violence and aggression: An experimental evaluation

- with adolescents in Germany. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(2), 105-120. doi:10.1007/s10964-011-9654-6
- Niklová, M., Novocký, M., & Dulovics, M. (2019). Risk aspects of online activities in victims of cyberbullying. *European Journal of Mental Health*, 14, 156–167. doi: <https://doi.org/10.5708/EJMH.14.2019.1.8>
- Nora, C. R. D., Zoboli, E., & Vieira, M. M. (2017). Validação por peritos: importância na tradução e adaptação de instrumentos. *Rev. Gaúcha Enferm.* 38(3), 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.64851>
- Nunnally, J. C. (1970). *Introduction to psychological measurement*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- Nwufo, J. I., Nweze, T., Ugwoke, E., Odo, V. O. & Chukwuorji, J. B. C. (2021) Substance abuse and media violence exposure as factors in acceptance of dating violence among in-school adolescents, *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 31(8), 1040-1053, doi: 10.1080/10911359.2020.1838384
- Olweus, D.; & Limber, S. P. (2018). Some problems with cyberbullying research. *Current opinion in psychology*, 19, 139-143. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.012.
- Palladino, B. E., Nocentini, A., & Menesini, E. (2015). Psychometric properties of the Florence cyberbullying-cybervictimization scales. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 112-119. doi: 10.1089/cyber.2014.0366
- Parkes, A., Wight, D., Hunt, K., Henderson, M., & Sargent, J. (2013). Are sexual media exposure, parental restrictions on media use and co-viewing TV and DVDs with parents and friends associated with teenagers' early sexual behaviour? *Journal of Adolescence*, 36(6), 1121–1133. doi: 10.1016/j.adolescence.2013.08.019

- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Patton, D. U., Leonard, P., Eschmann, R. D., Patel, S., Elsaesser, C., & Crosby, S. (2019). What's a Threat on Social Media? How Black and Latino Chicago Young Men Define and Navigate Threats Online. *Juventude e Sociedade*, 51(6), 756-772. doi: [10.1177 / 0044118X17720325](https://doi.org/10.1177/0044118X17720325)
- Peluchette, J. V., Karl, K., Wood, C., & Williams, J. (2015). Vitimização por cyberbullying: a personalidade das vítimas e comportamentos arriscados nas redes sociais contribuem para o problema? *Computadores em Comportamento Humano*, 52, 424-435. doi: 10.1016/j.chb.2015.06.028
- Perrin, A. (2015). One-fifth of Americans report going online “almost constantly”. Recuperado de: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/12/08/one-fifth-of-americans-report-going-online-almost-constantly/>
- Plaisier, X. S., & Konijn, E. A. (2013). Rejected by peers—Attracted to antisocial media content: Rejection-based anger impairs moral judgment among adolescents. *Developmental Psychology*, 49(6), 1165–1173. doi: <https://doi.org/10.1037/a0029399>
- Przybylski, A. K. (2018). Exploring Adolescent Cyber Victimization in Mobile Games: Preliminary Evidence from a British Cohort. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 22(3), 227-231. doi: 10.1089/cyber.2018.0318
- Redmond, P., Lock, J. V., & Smart, V. (2020). Developing a cyberbullying conceptual framework for educators. *Technology in Society*, 60, 101223. doi: <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2019.101223>.

- Rutledge, P. (2010). What is Media Psychology? And Why You Should Care. Retirado de: <http://mprcenter.org/what-we-do/what-is-media-psychology/> Acesso em: 20 de julho de 2019.
- Santos, I. L. S., Mariano, T. E., Pimentel, C. E., & Nascimento, A. M. (2020). Considerações introdutórias acerca da psicologia da mídia. In: P. N., Fonseca, S. C. Maciel, & V. V. Gouveia (Eds). *Psicologia social: aspectos teóricos, metodológicos e práticos*. (pp. 238-255). Editora UFPB, João Pessoa.
- Savage, M. W., & Tokunaga, R. S. (2017). Caminhando em direção a uma teoria: Testar um modelo integrado de perpetração de cyberbullying, agressão, habilidades sociais e autoeficácia da Internet. *Computadores em Comportamento Humano*, 71, 353-361. doi:10.1016/j.chb.2017.02.016
- Schank, R. C., & Abelson, R. P. (1977). *Scripts, Plans, Goals and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*. Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1974). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.
- Soni, D., & Singh, V. K. (2018). See No Evil, Hear No Evil: Audio-Visual-Textual Cyberbullying Detection. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 2, 1-26. doi: [10.1145 / 3274433](https://doi.org/10.1145/3274433)
- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment*, 17, 222-232. <https://doi.org/10.1027//10155759.17.3.222>
- Teng, Z., Nie, Q., Guo, C., Zhang, Q., Liu, Y., & Bushman, B. J. (2019). A longitudinal study of link between exposure to violent video games and aggression in

- Chinese adolescents: The mediating role of moral disengagement. *Developmental Psychology*, 55(1), 184–195. doi: <https://doi.org/10.1037/dev0000624>
- Teng, Z., Nie, Q., Zhu, Z., & Guo, C. (2020). Violent video game exposure and (Cyber)bullying perpetration among Chinese youth: The moderating role of trait aggression and moral identity. *Computers in Human Behavior*, 104, 1-43. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.106193>
- Terra. (2021). Brasil é o 2º país com mais casos de cyberbullying no mundo, segundo pesquisa. Recuperado de: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil-e-o-2-pais-com-mais-casos-de-cyberbullying-no-mundo-segundo-pesquisa,35ba9c6294b9001064c48b892eb65cfdvn0vwms8.html>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. doi:10.1037/a002335
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in human behavior*, 26(3), 277-287. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
- Tudkueaa, T., Laeheemb, K., & Sittichaic, R. (2019). Development of a causal relationship model for cyber bullying behaviors among public secondary school students in the three southern border provinces of Thailand. *Children and Youth Services Review*, 102, 145–149. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.05.013>
- Tzani-Pepelasi, C., Ioannou, M., Synnott, J., & Fumagalli, A. (2017). Cyber-Bullying And Children's Unmonitored Media Violence Exposure. *Assessment and Development Matters*, 9(4), 2-6.

- Ulrich, R. E., & Azrin, N. H. (1962). Reflexive fighting in response to aversive stimulation. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 5(4), 511-520.
- Van Geel, M., Goemans, A., Toprak, F., & Vedder, P. (2017). Quais traços de personalidade estão relacionados ao bullying tradicional e ao cyberbullying? Um estudo com os Cinco Grandes, Tríade Negra e Sadismo. *Personalidade e Diferenças Individuais*, 106, 231-235. doi: 10.1016/j.paid.2016.10.063
- Vivek T. (2017). Youth Violence and Social Media. *Journal of Social Sciences*, 52(1-3), 1-7. doi: 10.1080/09718923.2017.1352614
- Wachs, S., Whittle, H. C., Hamilton-Giachritsis, C., Wolf, K. D., Vazsonyi, A. T. & Junger, M. (2018). Correlates of Mono- and Dual-Victims of Cybergrooming and Cyberbullying: Evidence from Four Countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 21(2), 91-98. doi: 10.1089/cyber.2016.0733
- Wilson, B. J. (1999). A natureza e o contexto da violência na televisão americana. In: C. Ulla, & V. F. Cecília (Eds.) *A criança e a violência na mídia*, (pp.74-77). São Paulo: Cortez.
- Yanik, C., Computer, L., & Cyprus, L. (2020). Investigating variables related to cyber bullying and exposure. *Ilkogretim Online - Elementary Education Online*, 19(2), 733-744. doi:10.17051/ilkonline.2020.693225
- Yudes, C., Rey, L., & Extremera, N. (2020). Predictive Factors of Cyberbullying Perpetration amongst Spanish Adolescents. *Environ. Res. Public Health*, 17, 3967; doi:10.3390/ijerph17113967
- Yuliati, R., & Saptyasari, A. (2019). Cyberbullying Involvement: Impacts of Violence Exposure in The Media, Family, Society, and School. *Jurnal Komunikasi Indonesia*, 3(1), 5-11. doi: [10.7454/jki.v3i1.9857](https://doi.org/10.7454/jki.v3i1.9857)

- Zhang, D., Huebner, E. S., & Tian, L. (2020). Longitudinal associations among neuroticism, depression, and cyberbullying in early adolescents. *Computers in Human Behavior*, 112, 106475. doi: 10.1016/j.chb.2020.106475
- Zillmann, D. (2000). Basal morality in drama appreciation. In: I, Bondebjerg, (Ed.). *Moving images, culture and the mind* (53-63). Luton, England: University of Luton Press.

ANEXOS

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL – PPGPS/CCHLA/UFPB

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa, intitulada “Mídia violenta, cyberbullying e personalidade: estudo ancorado no modelo geral da agressão”, trata da relação entre a frequência geral da exposição em todas as plataformas de mídia com o comportamento de cyberbullying e outros fatores psicossociais. Ela está sendo desenvolvida por Ludwig Félix Machado Leal e orientada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (Universidade Federal da Paraíba) do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. O objetivo do estudo é analisar a relação entre exposição à mídia violenta e cyberbullying. A finalidade deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico da Psicologia, bem como para a um ambiente virtual mais seguro e promotor de saúde mental. Os benefícios em auxiliar na coleta de dados serão relacionados a contribuir para uma melhor compreensão desses fenômenos por parte da Psicologia, possibilitando uma atuação na comunidade mais eficaz.

Solicitamos a sua colaboração para responder um questionário (com duração média de 10 minutos), como também sua autorização para apresentar os resultados desse estudo em eventos da área de Ciências Humanas e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos participantes será mantido em sigilo. Salientamos que de acordo com a legislação vigente sobre pesquisa com seres humanos toda pesquisa envolve algum tipo de risco para os participantes, mesmo que mínimo, como possível constrangimento, cansaço, desgaste mental, dentre outros. Informamos também que essa pesquisa não trará nenhum custo. A pesquisa está de acordo com o disposto na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa através do e-mail: psicologoludwigleal@gmail.com

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa, _____ de _____ de 2021.

Assinatura do participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor contatar os pesquisadores, Ludwig Félix Machado Leal, email: psicologoludwigleal@gmail.com, celular: 83 98708-5438 ou Carlos Eduardo Pimentel, e-mail: kdu1976@gmail.com, celular: 83 98797-2085. Ou para o Comitê de Ética no Centro de Ciências da Saúde_ 1º andar / Campus I, Cidade Universitária, João Pessoa. CEP: 58051-900. E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com - Fone: (83) 3216 7791.

ANEXO II

Versão estendida da escala de exposição à mídia baseada em conteúdo (C-ME2)

Instruções: Por favor, aponte para cada pergunta com que frequência você assiste essas situações na TV/Internet/DVD. Podem ter sido assistidos em clipes no YouTube, vídeos musicais, programas de perguntas e respostas, programas de televisão, vídeo games, cinema, etc. Então, não importa onde você assiste, mas com que frequência você assiste. Para cada afirmação, circule um número que representa sua resposta.

Com que frequência você assiste (na Internet/TV/video games/celular/DVD)...		Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Com muita frequência
1	... pessoas que lutam?	1	2	3	4	5
2	... pessoas que falam abertamente sobre sexo?	1	2	3	4	5
3	... pessoas que usam drogas?	1	2	3	4	5
4	... pessoa que destroem os pertences de outras pessoas?	1	2	3	4	5
5	... pessoas que atiram em outra?	1	2	3	4	5
6	... pessoas que fazem outras de bobas?	1	2	3	4	5
7	... pessoas que bebem muito álcool?	1	2	3	4	5
8	... pessoas que zombam de outras?	1	2	3	4	5
9	... pessoas fazendo sexo?	1	2	3	4	5
10	... pessoas que falam mal de outras pelas costas?	1	2	3	4	5
11	... pessoas que fazem alguém tropeçar e cair para se divertir?	1	2	3	4	5
12	... pessoas que roubam?	1	2	3	4	5
13	... pessoas que são legais com outras?	1	2	3	4	5
14	... pessoas que ajudam outras?	1	2	3	4	5
15	... pessoas que estão apaixonadas?	1	2	3	4	5
16	... pessoas que entendem como as outras estão se sentindo?	1	2	3	4	5
17	... pessoas que colocam outras no centro das atenções de forma positiva?	1	2	3	4	5

18	... pessoas dispostas a fazer algo por outras?	1	2	3	4	5
19	... pessoas que confortam outras?	1	2	3	4	5
20	... pessoas que dão algo para outra para fazê-la feliz?	1	2	3	4	5
21	... pessoas que defendem outras?	1	2	3	4	5
22	... pessoasque cooperam com outras?	1	2	3	4	5

ANEXO III

TIPI

INSTRUÇÕES. Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em que medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Fortemente	Discordo Moderadamente	Discordo um pouco	Não concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo Moderadamente	Concordo Fortemente

Eu me vejo como alguém...

1. _____ Extrovertido, entusiasta. 6. _____ Reservado, quieto.
2. _____ Crítico, briguento. 7. _____ Simpático, acolhedor.
3. _____ Confiável, auto-disciplinado. 8. _____ Desorganizado, descuidado.
4. _____ Ansioso, que se chateia facilmente. 9. _____ Calmo, emocionalmente estável.
5. _____ Aberto a novas experiências, complexo. 10. _____ Convencional, sem criatividade.

ANEXO IV

ESCALA FLORENCE DE CYBER-AGRESSÃO E CYBER-VITIMIZAÇÃO

Instruções: Dizemos que um menino(a) sofre bullying quando outro menino(a) ou um grupo de meninos(as):

- Dizem a ele(a) coisas ruins e desprezáveis ou gozam dele(a) ou o(a) ofendem
- Ignoram ou excluem ele(a) completamente do seu grupo, ou não o(a) convidam de forma proposital
- Golpeiam, chutam, empurram ou ameaçam ele(a)
- Mentem sobre ele(a), criam boatos ou enviam recados com ofensas e palavrões
- Ninguém fala mais com ele(a) e outras coisas deste tipo

Estes fatos podem acontecer frequentemente e quem sofre esses abusos de poder dificilmente consegue se defender. Trata-se sempre de abusos de poder mesmo quando gozam dele/dela repetidamente e com ruindade. Não se trata de abuso de poder quando dois/duas meninos/as, que têm a mesma força, brigam entre eles/elas ou lutam.

A seguir você encontrará algumas perguntas que se referem a uma nova forma de bullying: o cyberbullying. As perguntas se referem à sua vida **NOS ÚLTIMOS 2 a 3 MESES**. Ao responder tente pensar no período de tempo completo e não apenas no agora.

O cyberbullying é um comportamento agressivo e de abuso realizado através de uma ferramenta eletrônica ou pela internet, como por exemplo: mensagem de texto, e-mail, blog, redes sociais como Facebook, Twitter, Whatsapp, etc.

Questionário 1: cyber vitimização

Instrução: De que forma você sofreu cyberbullying nos ÚLTIMOS 3 MESES? Indique com que frequência aconteceu, marcando com um X uma das possíveis respostas

1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana

NOS ÚLTIMOS 2 a 3 MESES QUANTAS VEZES ACONTECEU DE VOCÊ:

Questões	1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana
1. Receber vídeos /fotos/imagens constrangedoras ou íntimas através do celular					
2. Receber vídeos /fotos/imagens de assaltos e violências na internet (sites, chat, blog, redes sociais)					
3. Receber vídeos /fotos/imagens de situações constrangedoras ou íntimas na internet (sites, chat, blog, redes sociais)					
4. De alguém manipular informações de material pessoal seu e depois reutilizá-lo					
5. Ter sido ignorado(a) de forma intencional em grupos online (sites, chat, redes sociais)					
6. De alguém ter conseguido e utilizado, sob falsa identidade, sua senha e sua conta (e-mail, redes sociais..)					
7. De ter sido excluído ou deixado de fora de grupos online (sites, chat, redes sociais)					
8. De alguém ter conseguido e utilizado, sob falsa identidade, a senha do seu celular.					
9. De alguém ter lhe bloqueado no chat, no whatsapp ou nas redes sociais para lhe excluir do grupo					

Questionário 2: cyber agressão

Instrução: De que forma você praticou atos de cyberbullying nos **ÚLTIMOS 2-3 MESES**? Indique com que frequência aconteceu, marcando com um X umas das possíveis respostas

1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana
-------------------	------------------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------	--

NOS ÚLTIMOS 2 A 3 MESES QUANTAS VEZES ACONTECEU DE VOCÊ:

Questões	1 Nunca	2 Apenas 1 ou 2 vezes	3 2 a 3 vezes ao mês	4 Uma vez por semana	5 Várias vezes por semana
1- Enviar vídeos /fotos/imagens constrangedoras ou íntimas através do celular					
2- Enviar vídeos /fotos/imagens de assaltos e violências na internet (sites, chat, blog, redes sociais)					
3- Enviar vídeos /fotos/imagens de situações constrangedoras ou íntimas na internet (sites, chat, blog, redes sociais)					
4- Manipular material pessoal e privado de alguém e depois reutilizá-lo					
5- Ignorar alguém de forma intencional em grupos online (sites, chat, redes sociais)					
6- Conseguir e utilizar, sob falsa identidade, a senha da conta de e-mail de alguém.					
7- Excluir ou deixar de fora alguém de grupos online (sites, chat, redes sociais)					
8- Conseguir e utilizar, sob falsa identidade, a senha do celular de alguém.					
9- Bloquear alguém no chat, no whatsapp ou nas redes sociais para excluí-lo do grupo					

ANEXO V

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

- 1- Idade: _____
- 2- Gênero:
 - a) feminino
 - b) masculino
 - c) prefiro não informar
 - d) outro
- 3- Região
 - a) Centro-Oeste
 - b) Nordeste
 - c) Norte
 - d) Sudeste
 - e) Sul
- 4- Cidade _____
- 5- Estado civil:
 - a) casado (a)
 - b) solteiro (a)
 - c) divorciado (a)
 - d) viúvo (a)
 - e) em um relacionamento estável
- 6- Grau de escolaridade
 - a) ensino fundamental
 - b) ensino médio
 - c) ensino superior
 - d) pós-graduação
- 7- Profissão: _____
- 8- Raça/etnia: () Branca () Preta () Amarela () Parda/Mestiço () Indígena ()
Não sabe () Outra. Qual?
- 9- Renda mensal:
 - a) menos de um salário mínimo
 - b) um salário mínimo

- c) entre dois e três salários mínimos
- d) entre quatro e cinco salários mínimos
- e) mais de cinco salários mínimos

10- Você já vivenciou o cyberbullying? () Sim () Não

I- Se sim, Como?

- a) () Agressor
- b) () Vítima
- c) () Observador

II- Quantas vezes: _____

11- Com qual frequência você utiliza as seguintes redes sociais?

I- Whatsapp

- a) não utilizo esta rede social
- b) menos de uma vez por mês
- c) 2-3 vezes por mês
- d) algumas vezes por semana
- e) diariamente
- f) várias vezes por dia

II- Instagram

- a) não utilizo esta rede social
- b) menos de uma vez por mês
- c) 2-3 vezes por mês
- d) algumas vezes por semana
- e) diariamente
- f) várias vezes por dia

III- Facebook

- a) não utilizo esta rede social
- b) menos de uma vez por mês
- c) 2-3 vezes por mês
- d) algumas vezes por semana
- e) diariamente
- f) várias vezes por dia

IV- TikTok

- a) não utilizo esta rede social
- b) menos de uma vez por mês

- c) 2-3 vezes por mês
- d) algumas vezes por semana
- e) diariamente
- f) várias vezes por dia

V- Twitter

- a) não utilizo esta rede social
- b) menos de uma vez por mês
- c) 2-3 vezes por mês
- d) algumas vezes por semana
- e) diariamente
- f) várias vezes por dia

12- Qual é o seu principal motivo para usar a internet?